

Afirmativa

ANO 6 - Nº 28 - R\$ 7,50 - AFROBRAS, SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ LIBERDADE

plural



O futuro da
esperança

INOVAÇÃO É FAZER A FLORESTA VALER MAIS EM PÉ DO QUE DERRUBADA. COM O BANCO DO PLANETA, O BRADESCO UNIFICOU E FOCOU SUAS AÇÕES DE RESPONSABILIDADE SOCIOAMBIENTAL E CRIOU, JUNTO COM O ESTADO DO AMAZONAS, A FUNDAÇÃO AMAZONAS SUSTENTÁVEL – FAS. ATRAVÉS DO PROGRAMA BOLSA FLORESTA, ELA GERA RENDA PARA POPULAÇÕES RIBEIRINHAS DE 34 UNIDADES DE CONSERVAÇÃO QUE TOTALIZAM 16,4 MILHÕES DE HECTARES. INCENTIVA TAMBÉM A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL E INCREMENTA A QUALIDADE DE VIDA DE 5.727 FAMÍLIAS CADASTRADAS. É UM DOS MAIORES PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA AMAZÔNIA. SUSTENTABILIDADE: UMA DAS MUITAS MANEIRAS DO BRADESCO INOVAR PARA SUA VIDA SER MAIS COMPLETA.

www.bradesco.com.br

INOVAR É
COMBATER
O AQUECIMENTO
GLOBAL
E CRIAR UMA
FUNDACÃO PARA O
**DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL**
DA AMAZÔNIA.

Bradescompleto



Bradesco

Entrevista Especial	
Thomas White	6
Capa	
O Presidente Negro	8
Família	
A família do Quênia	20
Perfil	
Barack Obama.....	22
Michelle Obama.....	24
Opinião	
Não eram sapatos gastos, eram História - Elio Gaspari	26
Um menino do Havaí - José Sarney	28
Hoje eu tive um sonho - Benedita da Silva	30
Uma esperança para a humanidade - Vicentinho	32
Conceito de igualdade passado a limpo - Francisco Valim	34
Obama, parabéns - Paulo Paim.....	36
A esperança de mudança - Fabio Barbosa.....	39
As cores de Obama - Cristovam Buarque	40
Obama é nosso - Bruno Konder Comparato.....	44
Responsabilidade Social	
Experiência única - Sesi/SP.....	48
Educação	
Avanços e retrocessos.....	50
Desafios à Universidade - Paulo Nathanael	52
Economia	
Negros são as maiores vítimas da crise	54

Índice

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da: Editora Unipalmes Ltda., CNPJ nº 08.643.988/0001-52. Com periodicidade bimestral. Ano 6, número 28 – Av. Santos Dumont, 843 Bairro Ponte Pequena – São Paulo/SP – Brasil – CEP 01101-080 – Tel. (55 – 11) 3229 4590. www.afrobras.org.br

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente, Francisca Rodrigues, Ruth Lopes, Raquel Lopes, Cristina Jorge, Nanci Valadares de Carvalho, Humberto Adami, Sonia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (MTB. 14.845 – francisca@afrobras.org.br)

EDITORIA: Zulmira Felício (MTb 11.316 – zulmira.felicio@globo.com)

FOTOGRAFIA: J.C. Santos e Divulgação

COLABORADORES: Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br), Rosenildo Gomes Ferreira (rosenildoferreira@revistadinheiro.com.br), e Isabela De Luca (isabella@afrobras.org.br).

Receita Federal não pode excluir empresas do Simples Nacional - Fleury Advogados.....	58
Consumo excessivo e o modelo de economia de materiais - Márcio Juliano.....	60
Veículos	
Corolla, o carro verde	64
Empreendedorismo	
O tom da beleza	66
Mercado de trabalho	
Ano novo, prioridades mil! - Christian Barbosa	68
Cidadania	
21 de março, Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial.....	70
Dia Internacional da Mulher	
Michelle Obama.....	71
Plural	
A morte de Deus na Faixa de Gaza - Eduardo Oiakawa	72
Turismo	
Washington, a capital do mundo	74
Agenda Cultural	77
Afirmativo	
Depois do sonho, vem a economia - Rosenildo Ferreira	78
Preto & Branco	
Martin Luther King Jr.	80

FALE COM A REDAÇÃO: Zulmira Felício (zulmira.felicio@globo.com) tel. (11) 9605-7083 ou Isabella De Luca (isabella@afrobras.org.br) tel. (11) 3229 4590

ASSINATURA: Taíse Oliveira (taise@afrobras.org.br) Tel. (11) 3229 4590

PUBLICIDADE: Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação, Tel. (11) 3229 4590

PARA ANUNCIAR: Ligue (11) 3229 4590, fale com a Taíse (taise@afrobras.org.br)

CAPA: Foto Ricardo Gangale/AP

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA, CTP, IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

A revista Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras. A Editora não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e matérias assinadas. A reprodução desta revista no todo ou em parte só será permitida com autorização expressa da Editora e com citação da fonte.

1º presidente negro dos EUA

No dia 20 de janeiro de 2009, o mundo parou!

Parou novamente por causa dos Estados Unidos, mas parou por um bom motivo, um motivo justo, alegre e cheio de esperança.

O mundo parou para ver a posse de Barack Hussein Obama, o primeiro presidente negro a ocupar o cargo mais alto dos Estados Unidos da América, um país declarado racista, mas que viu no homem Obama, a chance de mudança desse cenário que certamente deverá passar a ser um país de todos depois de 20 de janeiro.

Quarenta anos depois do assassinato de Martin Luther King, um dos maiores líderes e mártir pela luta dos direi-

rial Abraham Lincoln, estavam todas concentradas e embevecidas com seu poder de oratória, com suas palavras, que foram duras, mas que passaram o recado de que ele irá governar com pulso firme, lembrando sempre das responsabilidades que lhe cabem, não só com os americanos, mas com o mundo.

Mas não foram só os quase dois milhões que acompanharam a posse de Obama. No mundo inteiro, as pessoas ficaram atentas às telas de televisão, torcendo, orando, mandando boas energias para que este homem consiga desenvolver o seu trabalho, que não será fácil,

tos civis também para os negros, a posse de Barack Obama se torna um simbolismo muito forte. Não só para os Estados Unidos, mas para todo o mundo, para todos que lutam por direitos iguais, pela inclusão das minorias, por uma sociedade global mais justa.

Em seu discurso de posse, Obama cobrou do mundo uma maior participação na busca pela melhoria mundial, chamou à responsabilidade a sociedade “que tem que fazer a sua parte” e não só o governo, deixou claro que não vai desistir de lutar contra quem quiser o mal do seu país e que retomará os direitos humanos.

Obama foi acompanhado por quase dois milhões de pessoas, uma multidão silenciosa e cheia de esperança no rosto.

As pessoas que se espalhavam pelo terraço da sede do poder legislativo norte-americano até o memo-

mas que o faça de forma justa. O primeiro presidente negro da maior potência mundial vai inspirar a nós e ao mundo, a fazer coisas boas. Já está levantando a auto-estima dos negros e dos demais excluídos, já faz com que as crianças sonhem e acreditam que têm direitos e que são capazes de alcançar seus objetivos, independente da sua cor de pele. Com certeza, Martin Luther King, onde estiver, está vendo que sua luta e sua morte não foram em vão. Que o seu sonho está se realizando com a posse de Obama, que representa a reconquista e o recomeço dos norte-americanos e da comunidade afro mundial.

O mundo celebra a democracia!

Boa leitura.

Francisca Rodrigues
Editora Executiva

editorial

1 Janeiro 2009

Crédito certo é o que você precisa para começar bem o ano.

Começo de ano é a hora de colocar em ordem seu orçamento: gastos passados, impostos, matrícula e material escolar. E, para ajudar com essas despesas, nós oferecemos o crédito e a orientação mais adequados para você organizar sua vida financeira.



Realmaster

Dez dias sem juros por mês no
cheque especial para resolver
imprevistos e antecipar compras.*



Créditos parcelados

Pagamento em até 24 vezes,
com a comodidade de contratar na agência,
no caixa, no cheque ou pelo telefone.

Sujeito a análise de crédito e demais condições dos produtos à época da contratação. Consulte os produtos disponíveis em cada um dos canais de contratação.

*Dez dias sem juros, corridos ou alternados. A partir do 11º dia de utilização do limite de crédito, serão cobrados juros por todo o período utilizado, debitados da sua conta corrente no último dia útil do mês. Se o 11º dia for sábado, domingo ou feriado, o depósito deverá ser feito no dia útil anterior, para não haver cobrança de juros. O IOF referente ao período utilizado será devido e pago pelo cliente.

31 Dezembro 2009

E acabar melhor ainda.

Depois de colocar o orçamento em dia, você pode pensar com mais tranquilidade nos seus planos até o fim do ano. Uma viagem de férias, um novo carro ou aquela reforma na casa que você tanto queria. Com o planejamento e o crédito certos, dá para realizar seus projetos sem se complicar depois.

Reinvente. Vem com a gente.

Cartões de crédito

Você pode concentrar suas despesas, comprar à vista e ter até 35 dias para pagar, usando o limite do cartão.

O banco da sua vida



BANCO REAL
GRUPO SANTANDER

Conheça outros produtos e saiba como utilizar melhor as funções do crédito no Guia do Crédito Certo.
www.bancoreal.com.br/creditocerto

A posse do 44º presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama, e sua chegada à Casa Branca, no dia 20 de janeiro de 2009, foi festejada por norte-

americanos e descendentes que vivem no Brasil, durante festa realizada na residência oficial do cônsul geral dos Estados Unidos em São Paulo, Thomas White.

Na oportunidade, o anfitrião concedeu entrevista para a jornalista Mônica Santos, especial para a Revista Plural.

Afirmativa Plural: *O que a posse do primeiro presidente negro – Barack Obama – representa para os Estados Unidos?*

Thomas White: É um momento histórico para os Estados Unidos e para a democracia americana. Eu acho que todos os americanos têm orgulho desta demonstração da vitalidade da nossa democracia. Este também é um momento importante para o mundo. Temos a crise econômica, temos muitos assuntos internacionais difíceis, guerras acontecendo. Apesar de tudo isso, nosso presidente falou da importante responsabilidade de toda a população, não somente na questão da nova presidência, do governo, mas de uma questão de todo cidadão. Evidentemente, precisamos

m São Paulo a festa para Obama

trabalhar, e muito, para juntos contornar a situação. O novo presidente vai ter um grande apoio do congresso, importante para o partido democrata. Como também terá imenso apoio da população americana. Obama vai querer trabalhar muito com grandes parceiros como o Brasil.

Afirmativa: *Durante o discurso, Barack Obama falou muito sobre “união”. O senhor acredita ser este o caminho certo para que as mudanças se concretizem?*

Thomas White: Considero que, como primeiro presidente negro afro-americano, ele terá capacidade para dar energia a aspectos da população americana que, no passado, ficaram fora da vida política. Ele já tem uma perspectiva internacional. Como ele cresceu e viveu num outro país fora dos Estados Unidos,

Havaí, Indonésia, com influência da África, da própria família, acumulou essa perspectiva, essa experiência de vida. Devido a isso, acredito que ele terá capacidade para entender as necessidades dos outros.

Afirmativa: *Qual o reflexo dessa nova visão para o Brasil, especificamente, para a comunidade negra no país?*

Thomas White: Tanto o Brasil quanto os Estados Unidos da América têm certos aspectos comuns. Ambos possuem regime democrata, de extensas dimensões continentais, e recebem influências da Europa, África e das populações indígenas. Assim sendo, acredito que há uma grande capacidade de ampliar as relações entre Brasil e Estados Unidos. Entendo que o presidente Barack Obama vai querer fazer isso. ■

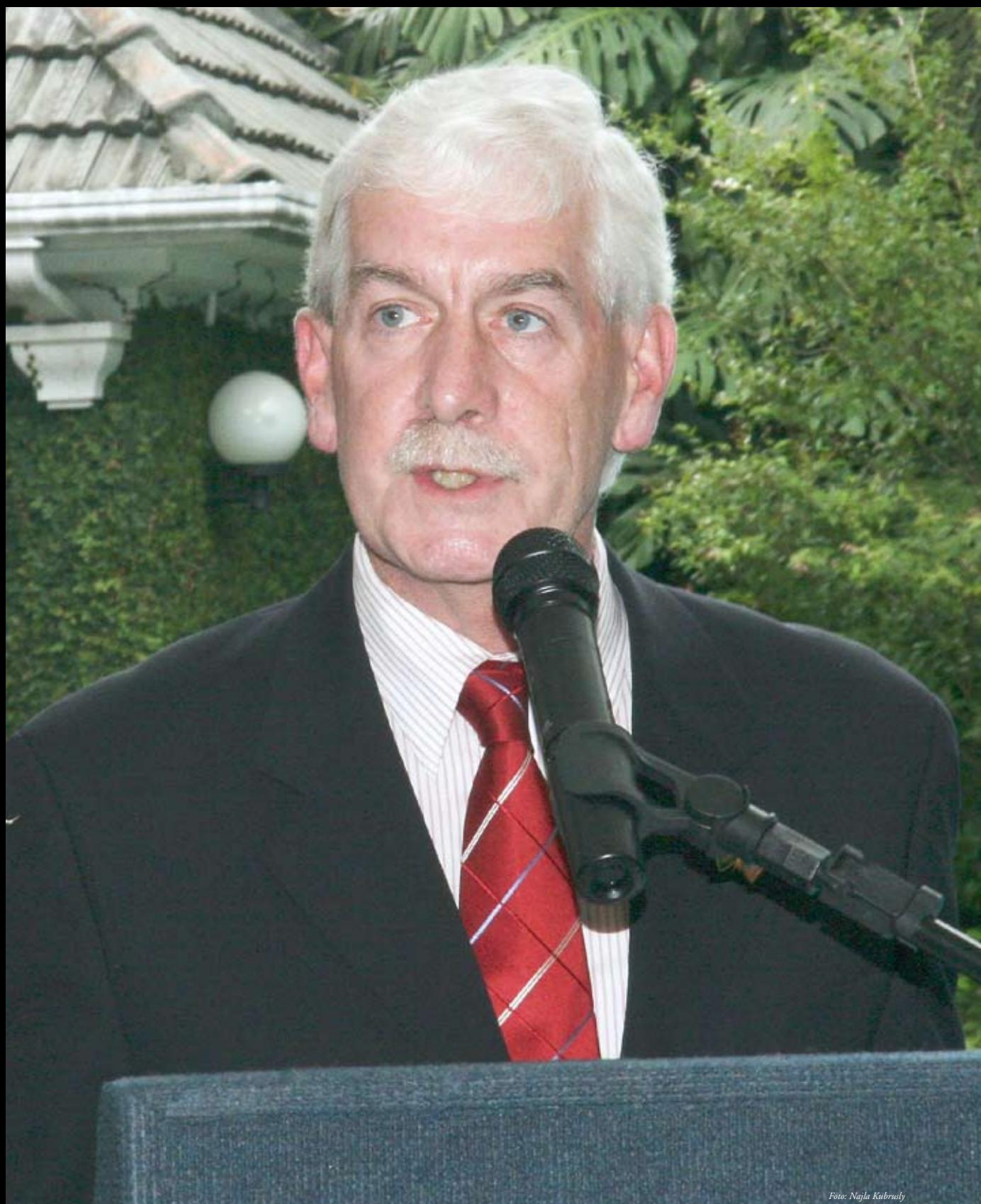


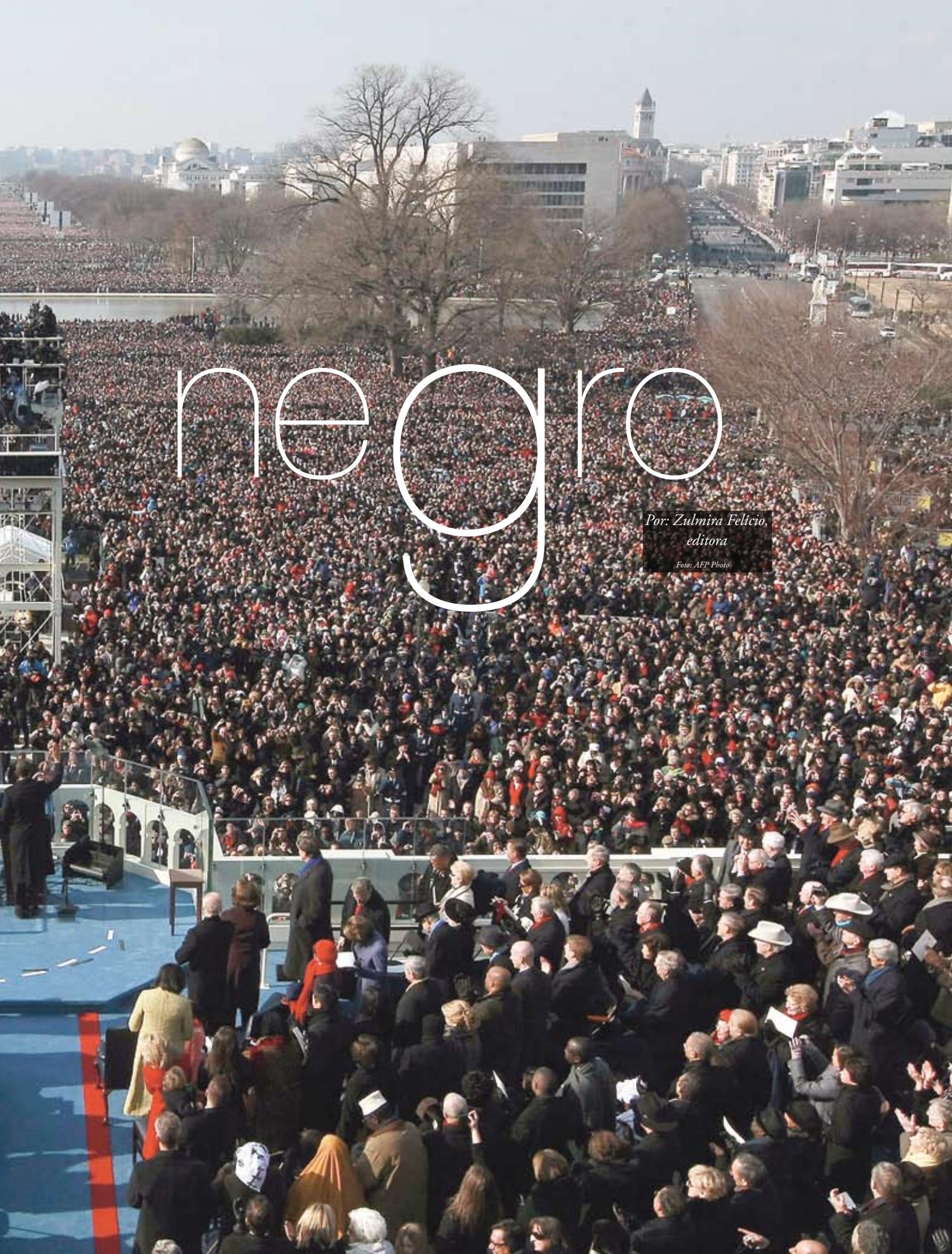
Foto: Najla Kubrusly

Thomas White

io

residente





neoro

Por: Zulmira Felício,
editora

Foto: AFP Photo



Foto: AFP Photo

momento do juramento

Oresgate do passado foi comemorado com uma festa regada pela autoestima – a cerimônia de posse do presidente dos EUA.

Em meio a uma crise econômica mundial, Obama surge como uma promessa de mudanças, de reconstrução de um novo mundo. De uma nova era. Esperança não só

do povo americano. Nem o frio intenso de -3º C com ventos dando a sensação de -11º C, nem mesmo o desconforto de horas de espera foram obstáculos para a multidão de quase dois milhões de pessoas (público recorde em cerimônias de posse presidencial em Washington), se concentrar no passeio que se espelha do terraço da sede do legislativo dos

EUA até o memorial de Abraham Lincoln, para assistir a cerimônia de posse do 44º presidente daquele país, o quarto mais jovem e o primeiro negro a ocupar o cargo na história: Barack Obama.

Barack Hussein Obama, 47 anos, tomou posse às 15h05' (horário de Brasília), do dia 20 de janeiro de 2009. Um verdadeiro espetáculo

assistido por pessoas do mundo inteiro (o evento foi transmitido ao vivo para dezenas de países). O novo presidente fez seu juramento com a mão sobre a mesma Bíblia usada por Abraham Lincoln, em 1861, governo que encerrou a escravidão nos Estados Unidos da América. O tema do discurso de posse foi “um novo nascimento da liberdade”, inspirado nos 200 anos do nascimento de Abraham Lincoln (1809-1865).

Unida e esperançosa, a multidão, somada a um contingente de pessoas espalhadas pelo mundo inteiro, rece-

beu o presidente com gritos de “Obama, Obama”. O presidente eleito chegou ao Capitólio, em Washington, ao lado do vice, Joe Biden. Sua mulher Michelle Obama, entrou ao lado da primeira-dama Laura Bush.

“O mundo está assistindo um espetáculo de democracia que segue um período de transição pacífico”, disse Dianne Feinstein, presidente da Comissão de Inteligência do Senado, ao iniciar formalmente a cerimônia.

O pastor conservador Rick Warren deu continuidade ao evento homenageando a eleição do primeiro

presidente negro da história e lembrando o conflito no Oriente Médio. “Estamos muito agradecidos por este momento, um filho imigrante da África sendo eleito presidente dos Estados Unidos. Vamos pedir proteção para Obama, suas duas filhas, a mulher [Michelle], e o vice, para que sejam abençoados.”

Na seqüência, o microfone foi ocupado pela cantora gospel Aretha Franklin, conhecida pelos trabalhos que realiza para o entendimento das diferenças raciais, que entoou a música “*America (My Country, 'Tis of Thee)*”.



Joseph e Jill Biden, Michelle e Obama

Foto: AFP Photo



Foto: AFP Photo

público recorde em cerimônias presidenciais

Multidão multirracial

Era unânime a grande presença de negros afro-americanos e de outras nacionalidades que somavam o número recorde de pessoas, lotando as imediações. Todas preocupadas em participar, em viver aquele momento de alegria e de euforia. O silêncio, entretanto, tomou conta da multidão que parou para ouvir atentamente o discurso de posse esperançoso, porém

duro, frente à época sombria da maior crise econômica que o país enfrenta desde a década de 20, com aumento de desemprego, vários problemas internacionais e duas guerras.

“Hoje eu lhes digo que os desafios diante de nós são reais. São sérios e são muitos. Eles não serão superados facilmente ou num curto período de tempo. Mas saiba disso, América: eles serão superados. Neste dia nós nos unimos

porque escolhemos a esperança e não o medo, a unidade de objetivo, e não o conflito e a discórdia (...)

Ainda somos a nação mais próspera e mais poderosa na face da terra. Nossos trabalhadores não são menos produtivos que no início desta crise. Nossas mentes não são menos inventivas, nossos bens e serviços não são menos necessários que na semana passada, no mês passado ou no ano passado. Nossa capacidade permanece intacta (...)

Com os olhos fixos no horizonte e a graça de Deus sobre nós, levamos adiante o grande dom da liberdade e o entregamos em segurança às gerações futuras.

Este é o preço e a promessa da cidadania. Esta é a fonte de nossa confiança - a noção de que Deus nos pede que definamos um destino incerto.

Este é o significado de nossa liberdade e de nosso credo - razão pela qual homens, mulheres e crianças de todas as raças e religiões podem reunir-se em celebração nesta magnífica avenida, e a razão pela qual um homem cujo pai, menos de 60 anos atrás, não poderia fazer um pedido num restaurante local, pode agora comparecer diante de vocês para prestar um sacratíssimo juramento.” (aplausos)

Onda de otimismo

O que mais se viu e se pode sentir foi a emoção das pessoas. A posse é a realização dos sonhos de gerações de afro-americanos que sofreram a escravidão, a segregação racial oficial que os reduzia a cidadãos de segunda classe. Uma sensação de triunfo que transpôs barreiras. Na terra do pai do presidente eleito, o Quênia, assistir a cerimônia de seu “neto” ilustre foi motivo de festa, acompanhada através dos telões espalhados pelo país, numa rara confraternização em um país marcado pela violência nos últimos anos. Obama é filho de um negro do Quênia e de uma americana branca do Kansas e neto de avô mulçumano.

Uma pesquisa da rede de televisão CNN publicada no dia 12 de janeiro coincidindo com a comemoração do aniversário do líder dos

direitos civis Martin Luther King, aponta que 69% dos negros afirmam que o sonho de King se completou nos 45 anos transcorridos desde que, em 1963, pronunciou seu famoso discurso “Tenho um Sonho”. Dois terços dos negros americanos acreditam que, com a eleição de Obama, o “sonho” de Martin Luther King de terminar com a divisão racial está cumprido.

Nesse clima, impulsionado por uma onda de otimismo da população, Obama inicia seu mandato com aprovação de 78% na última pesquisa Gallup, dados nunca registrados por um presidente dos EUA. Situação oposta do seu antecessor, George W. Bush, que deixa o cargo com uma popularidade baixíssima, em grande parte devido às guerras do Iraque e do Afeganistão e à recessão.

A felicidade estampada nos rostos dos negros anônimos que engrossava a multidão também estava no olhar da apresentadora Oprah Winfrey e dos músicos P. Diddy e Beyoncé, entre outros.

A mídia classificou o evento como um “mar de caras felizes”, pessoas que mesmo castigadas pelo frio que dominou as baixíssimas temperaturas, se concentraram na avenida Pensilvânia para ver o desfile de posse do casal em uma limusine blindada (de 6 m de comprimento), no circuito Capitólio - Casa Branca, de cerca de 3 km. A alegria e o entusiasmo tomaram conta do público, quando o casal Obama desceu do carro e seguiu a pé por dois quarteirões.

À noite, Barack e Michelle ainda tiveram fôlego para percorrer os bailes oficiais, tradição que se repete naquele país desde 1809, quando James Madison assumiu a presidência.

The Day After

Logo cedo na manhã do dia 21 de janeiro, às 8h35 (horário local), em seu primeiro dia completo na Casa Branca, Obama realizou várias reuniões com as equipes econômica e militar. Ordenou a execução de importantes atos, como: congelar os salários acima de R\$ 100 mil por ano, endurecer as normas para os lobistas e revisar as regras sobre informação, a fim de tornar seu governo mais transparente. Ainda, no primeiro dia, começou a cumprir uma das suas promessas de campanha: fechar o centro de detenção de Guantánamo.

“Vamos liderar de novo”, afirmou o presidente que herda um capitalismo inovador e sem rivais. Afinal, metade das patentes do mundo está registrada nos EUA, o restante na Europa, Japão, Coréia do Sul e quase nada na China, Índia e Rússia.

Arrumar a casa não será tarefa fácil. O que se viu de seu espírito de liderança até então evoca a disciplina de George Washington, o primeiro presidente dos EUA que, em 1789, acrescentou em seu juramento: “Que Deus me ajude”. Imbuído, dentro do seu estilo racional, Obama terminou sua fala com a mesma invocação: “Que Deus vos abençoe. E que Deus abençoe os Estados Unidos da América.” ■



Foto: AFP Photo

desfile a pé pela avenida Pensilvânia

Uma pesquisa encomendada pelo Serviço Mundial da BBC com

mais de 17 mil pessoas em 17 países mostra que a maior parte delas está otimista com relação ao governo do novo presidente dos Estados Unidos, Barack Obama.

Em média, 67% dos entrevistados afirmaram que o governo Obama irá melhorar a relação dos Estados Unidos com o resto do mundo, enquanto 19% opinaram que a situação continuará a mesma e apenas 5% afirmaram que a situação irá piorar.

Esta visão positiva em relação ao

Mundo está otimista

novo presidente dos EUA foi expressa pela maioria dos entrevistados em 15 dos 17 países pesquisados.

Os dois únicos países onde a diferença está bastante próxima entre os percentuais que expressam a visão da maioria comparando-se ao percentual do restante da população entrevistada foram a Rússia e o Japão.

Crescimento

O resultado mostra um crescimento do otimismo em relação a Obama

nos países pesquisados. Em outro estudo, feito há seis meses - antes que Obama fosse eleito -, apenas 47% dos entrevistados destes mesmos países disseram acreditar que um governo de Barack Obama melhoraria as relações dos EUA com o resto do mundo.

O maior crescimento da visão positiva foi observado na Turquia (que saltou de 11% há seis meses para 51%), Rússia (de 11% para 47%), Egito (de 29% para 58%) e China (39% para 68%).

É interessante notar que dois desses países que apresentaram grande crescimento no otimismo têm a maior parte de sua população muçulmana (Egito e Turquia).

“A familiaridade com Obama parece estar aumentando a esperança (com relação a ele)”, diz Steven Kull, diretor do Program on International Policy Attitudes, um dos institutos responsáveis pela pesquisa.

“Mas, de novo, ele está começando de um nível baixo, depois de oito anos de um presidente impopular. Manter este entusiasmo será um desafio, dadas as questões complexas que ele terá que lidar”, diz Kull.

Prioridades

Quando convidados a avaliar quais questões devem ser priorizadas por Obama em seu governo, a maioria dos entrevistados (72%) afirmou que o combate à crise econômica deve ser uma de suas principais prioridades.

Esta resposta foi seguida, respectivamente, pela retirada das tropas americanas do Iraque (considerada também uma das prioridades mais importantes para 50%); lidar com o aquecimento global (46%), melhorar as relações dos EUA com o país do entrevistado (46%); alcançar a paz entre palestinos e israelenses (43%); e dar apoio ao governo do Afeganistão no combate ao Talibã (29%).

As prioridades elencadas pelos norte-americanos entrevistados foram um pouco diferentes das do resto dos países. Enquanto 75% concordam que o combate à crise econômica

deve ser uma das maiores prioridades, os americanos são aqueles que mais consideram o apoio ao governo afegão contra o Talibã como uma das questões mais importantes (46%).

Cerca de 60% dos cidadãos norte-americanos entrevistados também responderam que a melhora das relações dos EUA com o resto do mundo deve ser uma das principais questões do governo Obama.

A pesquisa foi realizada pelo instituto GlobeScan com o Program on International Policy Attitudes entre 24 de novembro de 2008 e 5 de janeiro de 2009.

Foram entrevistadas 17.356 pessoas adultas na Alemanha, Chile, China, Egito, Espanha, Estados Unidos, França, Gana, Grã-Bretanha, Índia, Indonésia, Itália, Japão, México, Nigéria, Rússia e Turquia. ■

★★ Curiosidades da posse ★★

- A posse de Barack Obama foi o maior evento ao vivo da história da Internet.
- A ONG *People for the Ethical Treatment of Animals* (Peta) fez uma campanha especial para a posse: quem não estivesse usando casaco de pele no dia ganharia um copo de chocolate quente.
- Devido ao grande número de pessoas querendo participar do grande evento, além dos moradores locais alugarem suas casas, os mais “humildes” alugaram seus sofás por uma noite ao custo de US\$10.
- Mil bonecos do brinquedo Lego foram feitos na Legolândia, Califórnia, representando a posse de Obama. O artista Gary McIntire fez o ato virar marco histórico lá dentro.
- Muitas escolas fecharam suas portas no dia considerado como um feriado em muitos lugares dos condados de Washington.
- Quatro mil policiais extras foram colocados nas ruas.
- O jornal “Chicago Tribune” sorteou um pacote para a cerimônia que incluiu passagens aéreas, hospedagem, transporte e dois ingressos para o evento.
- A venda de canecas, pins e camisetas disparou na véspera do dia 20 de janeiro. Foram vendidos mais produtos do gênero do que na posse de Bill Clinton.
- Muitas estrelas do cinema e da música são fãs de Obama. Na lista das estrelas estavam Garth Brooks, Beyoncé, Bono Vox, Steve Wonder, Bruce Springsteen e o rapper Will I Am.
- O famoso museu de cera “Madame Tussauds” inaugurou a figura de Obama no dia da posse e agora está trabalhando na imagem de Michelle Obama, que será lançada no mês de março.



discurso de posse



“

Aqui me encontro hoje, humilde diante da tarefa à nossa frente, agradecido pela confiança depositada por vocês, atento aos sacrifícios feitos por nossos ancestrais. Agradeço ao presidente Bush pelos seus serviços a esta nação, assim como pela generosidade e pela cooperação mostradas durante esta transição.

Quarenta e quatro americanos, até hoje, prestaram o juramento presidencial. Suas palavras foram ditas durante a maré ascendente da prosperidade e nas águas calmas da paz. Mas frequentemente o juramento é prestado em meio a nuvens crescentes e tempestades ruidosas. Nestes momentos a América foi em frente, não apenas graças ao talento e à visão daqueles no poder, mas porque nós, o povo, permanecemos fiéis aos ideais de nossos antecessores e aos nossos documentos fundadores.

Foi assim e deve ser assim com esta geração de americanos.

É bem sabido que estamos no meio de uma crise. Nossa nação está em guerra contra uma rede de violência e ódio de longo alcance. Nossa nação está bastante enfraque-

cida, uma consequência da ganância e da irresponsabilidade de alguns, mas também da nossa incapacidade coletiva de tomar decisões difíceis e preparar a nação para uma nova era. Lares foram perdidos; empregos foram cortados; e empresas foram destruídas. Nossa saúde é cara demais; nossas escolas deixam muitos para trás; e cada dia traz novas evidências de que a forma como usamos a energia fortalece nossos adversários e ameaça nosso planeta.

Eles *[os desafios]* não serão superados facilmente ou num curto período de tempo. Mas saiba disso, América: eles serão superados.

Estes são os indicadores de uma crise, tema de dados e estatísticas. Menos mensurável, mas não menos profundo, é o solapamento da confiança por todo o nosso país. Um medo persistente de que o declínio da América seja inevitável, e que a próxima geração deva ter objetivos menores.

Hoje eu lhes digo que os desafios diante de nós são reais. São sérios e são muitos. Eles não serão superados facilmente ou num curto período de

tempo. Mas saiba disso, América: eles serão superados. *(aplausos)*

Neste dia nós nos unimos porque escolhemos a esperança e não o medo, a unidade de objetivo, e não o conflito e a discórdia.

Neste dia viemos proclamar o fim de nossas reivindicações e falsas promessas, as recriminações e os dogmas desgastados, que por tempo demais estrangularam nossa política.

Ainda somos uma nação jovem, mas, nas palavras das Escrituras, chegou a hora de acabar com as coisas de menino. Chegou a hora de reafirmar nosso espírito resistente; de optar pela nossa melhor história; de levar adiante esse dom precioso, essa nobre ideia, passada de geração em geração: a promessa divina de que todos são livres, todos são iguais e todos merecem a chance de lutar por sua medida justa de felicidade.

Ao reafirmar a grandeza de nossa nação, compreendemos que ela não é um presente. Deve ser conquistada. Nossa jornada nunca foi aquela de atalhos ou de quem se contenta com pouco. Nunca foi o caminho dos fracos de coração – daqueles que



preferem o ócio ao trabalho, ou buscam apenas os prazeres da fortuna e da fama. Foi, isto sim, o dos que correm risco, dos que fazem, dos que executam coisas – alguns célebres, mas mais comumente homens e mulheres obscuros em seu trabalho, que nos levaram pelo longo e áspero caminho da prosperidade e da liberdade.

Por nós, eles empacotaram suas pequenas posses mundanas e viajaram pelos oceanos em busca de uma nova vida.

Por nós, eles trabalharam em condições ruins e se estabeleceram no oeste; suportaram o estalar do chicote e araram a terra dura.

Por nós, eles lutaram e morreram em lugares como Concord e Gettysburg; na Normandia e em Khe Sahn.

A partir de hoje, temos que nos levantar, sacudir a poeira e começar de novo o trabalho de refazer a América.

Mais de uma vez esses homens e mulheres lutaram, se sacrificaram e trabalharam até que suas mãos estivessem em carne viva para que nós vivêssemos uma vida melhor. Eles viram uma América maior que a soma de nossas ambições individuais; maior que todas as diferenças de nascença ou riqueza ou partido.

Esta é a jornada que continuamos hoje. Ainda somos a nação mais próspera e mais poderosa na face da Terra. Nossos trabalhadores não são menos produtivos que no início desta crise. Nossas mentes não são menos inventivas, nossos bens e serviços não são menos necessários que na semana passada, no mês passado

“ Hoje eu lhes digo que os desafios diante de nós são reais. São sérios e são muitos. Eles não serão superados facilmente ou num curto período de tempo. Mas saiba disso, América: eles serão superados ”

ou no ano passado. Nossa capacidade permanece intacta. O tempo de deixar as coisas como estão, ou de proteger pequenos interesses e adiar decisões desagradáveis, esse tempo certamente passou. A partir de hoje, temos que nos levantar, sacudir a poeira e começar de novo o trabalho de refazer a América.

Para onde quer que olhemos, há trabalho a fazer. O estado da economia exige ação, ousada e rápida, e nós vamos agir – não apenas para criar novos empregos, mas para estabelecer novas fundações para o crescimento. Construiremos as estradas e pontes, as linhas elétricas e digitais que alimentam nosso comércio e nos unem. Recolocaremos a ciência em seu devido lugar, e usaremos as maravilhas da tecnologia para elevar a qualidade de nosso atendimento de saúde e reduzir seu custo. Usaremos o sol, os ventos e o solo para abastecer nossos carros e fazer funcionar

nossas fábricas. E transformaremos nossas escolas e universidades para atender as exigências de uma nova era. Podemos fazer tudo isso. E faremos tudo isso.

Ora, alguns questionam a escala de nossas ambições. Sugerem que nosso sistema não pode tolerar planos demais. Suas memórias são curtas. Pois esquecem o que este país já fez; o que homens e mulheres livres podem obter quando a imaginação se une a um objetivo comum, e a necessidade à coragem.

O que os cínicos não conseguem entender é que o chão moveu-se sob seus pés. Que as disputas políticas vazias que nos consumiram por tanto tempo não servem mais. A questão que se deve perguntar hoje não é se o governo é grande demais ou pequeno demais, mas se funciona – se ajuda as famílias a encontrar empregos com salários decentes, assistência que possam pagar e aposentadorias dignas. Onde a resposta for sim, nossa intenção é seguir em frente. Onde a resposta for não, os programas serão cortados. E aqueles que administram os dólares da população terão que assumir suas responsabilidades: gastar com sabedoria, mudar os maus hábitos, fazer negócios à luz do dia. Porque, só então, poderemos restaurar a confiança que é vital entre um povo e seu governo.

Tampouco a pergunta diante de nós é se o mercado é uma força do bem ou do mal. Seu poder para gerar riqueza e expandir a liberdade não tem igual, mas esta crise nos fez



lembra que, sem um olhar atento, o mercado pode sair do controle – e que uma nação não pode prosperar por muito tempo se favorece apenas os prósperos. O sucesso de nossa economia sempre dependeu não apenas do tamanho do nosso Produto Interno Bruto, mas do alcance de nossa prosperidade; e da nossa capacidade de levar as oportunidades a todos os corações desejosos, não por caridade, mas porque é o caminho mais seguro para o nosso bem comum.

Saibam que a América é amiga de toda nação e todo homem, mulher e criança que busca um futuro de paz e dignidade, e que nós estamos prontos para liderar uma vez mais.

Quanto à nossa defesa comum, rejeitamos como falsa a escolha entre nossa segurança e nossos ideais. Nossos pais fundadores, diante de perigos que mal conseguimos imaginar, elaboraram uma carta para assegurar o império da lei e os direitos do homem, uma carta difundida pelo sangue de gerações. Esses ideais ainda iluminam o mundo, e não vamos abandoná-los em nome da praticidade. Assim, a todos os outros povos e governos que estão assistindo hoje, das maiores capitais ao vilarejo onde meu pai nasceu: saibam que a América é amiga de toda nação e todo homem, mulher e criança que busca um futuro de paz e dignidade, e que nós estamos prontos para liderar uma vez mais. *(aplausos)*

Lembrem-se que as gerações anteriores encararam o fascismo e o co-

munismo não apenas com mísseis e tanques, mas com alianças resolutas e convicções duradouras. Elas entenderam que nosso poder, por si só, não pode nos proteger, nem nos autoriza a fazer tudo como queremos. Em vez disso, elas sabiam que nosso poder cresce quando usado com prudência; que nossa segurança emana da justezza de nossa causa, da força do nosso exemplo, as sóbrias qualidades da humildade e do comedimento.

Somos os mantenedores desse legado. Guiados por esse exemplo, uma vez mais, podemos superar estas novas ameaças, que exigem um esforço ainda maior, uma cooperação e uma compreensão ainda maiores entre as nações.

Começaremos de forma responsável a deixar o Iraque para seu povo, e forjaremos uma paz duramente conquistada no Afeganistão. Com velhos amigos e ex-inimigos, trabalharemos incansavelmente para reduzir a ameaça nuclear e fazer recuar o espectro de um planeta em aquecimento.

Não pediremos desculpas por nosso modo de vida, nem fraquejaremos em nossa defesa, e para aqueles que buscam atingir seus objetivos induzindo ao terror e massacrando inocentes, dizemos a vocês que nosso espírito é mais forte e não pode ser quebrado; vocês não sobreviverão a nós, e nós os derrotaremos. *(aplausos)*

Pois sabemos que a colcha de retalhos de nossa herança é uma força, não uma fraqueza. Somos uma nação de cristãos e muçulmanos, judeus,

hindus e ateus. Somos formados de todas as línguas e culturas, trazidas de todo canto desta Terra; e porque provamos o fel amargo da guerra civil e da segregação, e emergimos desse capítulo sombrio mais fortes e mais unidos, não podemos deixar de acreditar que os velhos ódios um dia passarão; que as linhas tribais logo dissolver-se-ão; que à medida que o mundo se torne menor, nossa humanidade em comum revelar-se-á; e que a América deve exercer seu papel no surgimento desta nova era de paz.

Ao mundo muçulmano: buscamos uma nova trilha adiante, baseada em interesses mútuos e respeito mútuo. Àqueles líderes mundo afora que buscam semear o conflito, ou pôr no Ocidente a culpa pelos males de suas sociedades: saibam que o povo os julgará por aquilo que vocês podem construir não pelo que vocês destruírem. Àqueles que se agarram ao poder por meio de corrupção e trapaças, e que silenciam opositores: saibam que vocês estão do lado errado da história; mas que estendermos a mão se vocês estiverem dispostos a descerrar seus pulsos.

Aos povos das nações pobres: comprometemo-nos a trabalhar ao lado de vocês para que suas fazendas floresçam e águas limpas possam fluir; para alimentar corpos esfomeados e mentes famintas. E àquelas nações como a nossa, que gozam de relativa abundância, dizemos que não podemos mais aceitar a indiferença ao sofrimento fora de nossas fron-



teiras; nem podemos consumir os recursos do mundo sem pensar nos efeitos disso. Pois o mundo mudou, e precisamos mudar junto com ele.

No momento em que divisamos a estrada que surge diante de nós, lembramo-nos com gratidão daqueles bravos americanos que neste exato momento patrulham desertos longínquos e montanhas distantes. Eles têm algo a nos dizer hoje, assim como os heróis caídos que repousam em Arlington murmurarão até o fim dos tempos. Nós os homenageamos não apenas porque são os guardiões de nossa liberdade, mas porque eles encarnam o espírito do serviço; uma disposição para encontrar sentido em algo maior que eles mesmos. Neste momento, um momento que definirá uma geração, é exatamente este espírito que devemos ter dentro de todos nós.

Pois, por mais que os governos possam e devam fazer, no fim das contas, é na fé e na determinação do povo americano que esta nação confia. É a gentileza de socorrer um estranho quando um dique é destruído, a generosidade dos trabalhadores que aceitam reduzir sua jornada de trabalho para que um amigo não perca seu emprego, que nos fazem superar os piores momentos. É a coragem do bombeiro que atravessa uma escadaria cheia de fumaça, mas também a disposição de um pai para criar um filho, que decidem afinal a nossa sorte.

Nossos desafios podem ser novos. Os instrumentos com que os enfrentamos podem ser novos. Mas os

valores de que nosso êxito depende – honestidade e trabalho duro; coragem e ética; lealdade e patriotismo; essas coisas são antigas. Essas coisas são verdadeiras.

Elas têm sido a força silenciosa do progresso ao longo de nossa história. O que se exige, então, é um retorno a essas verdades. O que se exige de nós agora, é uma nova era de responsabilidade – um reconhecimento, por parte de todo americano, de que temos deveres para conosco, para com nossa nação e o mundo, deveres que não devemos aceitar de mau grado, mas sim agarrar com alegria, firmes na percepção de que não há nada mais satisfatório para o espírito, mais definidor de nosso caráter, que damos o máximo de nós mesmos em uma tarefa difícil.

Com os olhos fixos no horizonte e a graça de Deus sobre nós, levamos adiante o grande dom da liberdade e o entregamos em segurança às gerações futuras.

Este é o preço e a promessa da cidadania.

Esta é a fonte de nossa confiança – a noção de que Deus nos pede que definamos um destino incerto.

Este é o significado de nossa liberdade e de nosso credo – razão pela qual homens, mulheres e crianças de todas as raças e religiões podem reunir-se em celebração nesta magnífica avenida, e a razão pela qual um homem cujo pai, menos de 60 anos atrás, não poderia fazer um pedido num restaurante local, pode ago-

ra comparecer diante de vocês para prestar um sacratíssimo juramento.

Marquemos, pois, este dia, com a lembrança, daquilo que somos e do quanto longe chegamos. No ano do nascimento da América, no mês mais frio do ano, um pequeno grupo de patriotas juntou-se diante de fogueiras que se apagavam às margens de um rio congelado. A capital fora abandonada. O inimigo avançava. A neve estava manchada de sangue. No momento em que o resultado de nossa revolução parecia mais incerto, o pai de nossa nação ordenou que estas palavras fossem lidas ao povo:

“Façam saber ao mundo futuro: que nas profundezas do inverno, quando nada a não ser a esperança e a virtude poderiam sobreviver; que a cidade e o país, alarmados por um perigo comum, ergueram-se para vencê-lo”.

América, diante de nossos perigos comuns, neste inverno de dificuldades, lembremos estas palavras atemporais. Com esperança e virtude, vamos enfrentar uma vez mais as correntes geladas e suportar quaisquer tempestades que surgirem. Que os filhos de nossos filhos possam dizer que, quando fomos testados, nos recusamos a permitir o fim desta jornada, que não viramos as costas nem fraquejamos; e com os olhos fixos no horizonte e a graça de Deus sobre nós, levamos adiante o grande dom da liberdade e o entregamos em segurança às gerações futuras.

Muito obrigado. Deus os abençoe. E Deus abençoe os Estados Unidos da América.” ■





Foto: AFP Photo

"Mamah Sarah", avó paterna de Obama

Estados Unidos. Agora, os moradores também ganharão um museu e a escola local será reformada e batizada com o nome Obama.

Seu tio Said Obama trabalha em uma ONG em Kisumu, capital da região. Por ali, a família de Obama nunca foi abastada. Seu pai só conseguiu ir morar nos EUA para estudar graças a uma bolsa de estudos que ganhou na Universidade do Havaí, local onde conheceu Ann Dunham, a mãe de Obama.

Parte da família de Barack Obama ainda se encontra no Quênia, país situado na África Oriental.

Lá vive seu tio Said e sua avó paterna, "Mamah Sarah", como é conhecida na região. Kogelo, a pequena vila que abriga a família, só recebeu energia elétrica após o presidente ter sido eleito nos

Barack Obama, o presidente norte-americano foi algumas vezes à África (a última vez em 2006). Hoje, devido sua aparição, reforços foram feitos à casa de sua avó, madrasta de seu pai (ela é a terceira esposa do avô de Obama), que não tem mais sossego. Apesar do assédio, seus costumes continuam os mesmos e sem entender inglês, fala a língua da tribo, o Luo.

Sarah chegou nos Estados Unidos no dia 16 de janeiro e foi até Washington para a posse do neto,

família

representando o Quênia e a União Africana.

Enquanto Sarah estava na cerimônia da posse da presidência, no Quênia, as pessoas saíram às ruas para comemorar a chegada de Obama à Casa Branca. Desde o início da manhã, o Kenyatta International Conferencial Center concentrava uma multidão que assistia as imagens por meio de telões que transmitiam a posse ao vivo de Washington, capital norte-americana.

Foi um momento de muita alegria para o país. Tanto que um dos maiores jornais, "The Standard", promoveu atos de comemoração pela posse. Além disso, os aldeões fizeram um ritual dançando músicas populares.

As novas moradoras

Malia, de 10 anos e Sasha, de 7 anos, filhas de Obama e Michelle, são as mais novas moradoras da Casa Branca desde os filhos do presidente Kennedy, em 1960. Elas, que certamente já estão no alvo de toda imprensa, estarão situadas em um dos endereços mais cobiçados do mundo.

Com mais de 130 cômodos, a casa será o local onde elas crescerão. Diversas vezes, os pais Obama e Michelle disseram que o bem-estar de suas filhas é o que mais lhes preocupam. Tarefas como arrumar as camas e o próprio quarto estão incluídas na vida das meninas.

Desde que Obama ganhou a eleição para presidência, eles procuram manter as crianças longe das câmeras e do foco da mídia. Coisas do cotidiano, como por exemplo,



Foto: AFP Photo

Malia e Sasha Obama

tirar uma nota abaixo da média, poderão ser escapadas e se espalhar por todo o país.

Com essa invasão de privacidade, diferente de outros tempos, onde o próprio filho do Kennedy "John-John" foi flagrado brincando aos seus pés, as famílias que passaram a morar na casa Branca nos últimos tempos têm que proteger seus filhos.

Mas mesmo com todos esses cuidados, as filhas de Obama já levam uma vida diferente das outras crianças e tiveram a própria festa de posse na segunda-feira, 19 de janeiro.

Foi um show organizado por Michelle e também por Jill Biden, esposa do vice-presidente, Joseph Biden em homenagem às famílias dos mi-

litares presentes no Verizon Center, em Washington.

Batizado de "We are the Future" (Nós somos o futuro), o show contou com a presença de artistas populares entre as crianças americanas, como Jonas Brothers, Demi Lovato e Miley Cyrus.

Fãs declaradas de Miley (a estrela da série *Hannah Montana*), as filhas de Obama se divertiram muito. Cantaram suas músicas e subiram ao palco na apresentação do grupo Jonas Brothers.

O show só foi interrompido uma única vez quando Michelle foi ao palco para dar um aviso às crianças, "vocês são o futuro desta grande nação", disse ela, pedindo ajuda aos jovens para melhorar o país. ■



Foto: www.about.com

O presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama, nasceu de pai queniano (Barack Obama) e mãe norte-americana branca (Ann Dunham). Casaram-se enquanto estudavam na Universidade do Havaí, mas se separaram dois anos após o nascimento de Obama. Seu pai retornou ao Quênia, onde se tornou economista destacado e morreu num acidente automobilístico em 1982. A mãe de Obama casou-se em segundas

um emprego em Chicago como organizador para o Projeto Desenvolvendo Comunidades, um grupo patrocinado por igrejas que trabalhava para melhorar as condições de vida de moradores de bairros pobres. Três anos mais tarde, Obama deixou esse emprego para cursar a Escola de Direito em Harvard, onde se tornou o primeiro negro a ser presidente da revista da faculdade. Ele trabalhou nas férias de verão como associado

Nova York Hillary Clinton fosse visitá-la como a favorita para a indicação presidencial pelo Partido Democrata, Obama rapidamente demonstrou a capacidade de levantar grandes volumes de fundos e atrair multidões recordes, que ficavam fascinadas por sua habilidade em oratória e sua oposição à guerra do Iraque, entre outras. Obama venceu a eleição presidencial em 4 de novembro de 2008 com 53% do voto popular. ■

44 presidente dos EUA

núpcias com um indonésio chamado Lolo Soetoro. A família se mudou para a Indonésia onde Obama viveu até os dez anos de idade. Foi viver no Havaí com seus avós enquanto cursava a escola de elite Academia Punahoa com bolsa de estudos. O presidente dos EUA tem sete meios-irmãos e irmãs no Quênia, frutos dos outros casamentos de seu pai, e uma meia-irmã, Maya Soetoro-Ng, filha do segundo casamento de sua mãe.

O primeiro negro a alçar o maior cargo nos Estados Unidos, concluiu a faculdade em 1983 e foi trabalhar para uma consultoria financeira de Nova York e para uma organização de consumidores. Em 1985 obteve

da firma de advocacia Sidley Austin, em Chicago, onde conheceu Michelle. Depois de formar-se em Harvard em 1991, exerceu direito cível numa firma pequena em Chicago e, em 1993, tornou-se professor de direito constitucional na Universidade de Chicago.

Obama conquistou uma cadeira no Senado estadual do Illinois em 1996. Em 2004 conquistou uma vaga muito disputada no Senado, recebendo 53% dos votos das primárias democratas, sendo que a disputa envolvia oito candidatos. Em sua campanha anunciou sua candidatura à presidência em 10 de fevereiro de 2007. Embora a senadora por



Idade: 47 anos

Data de nascimento: 4 de agosto de 1961

Local de nascimento: Honolulu, Havaí

Educação: Universidade Columbia; Escola de Direito da Universidade Harvard

Esposa: Michelle Robinson Obama

Filhas: Malia, 10 anos, e Sasha, 7

Filiação religiosa: Igreja Unida de Cristo

Partido: Democrata



cone da moda

a mais bem vestida do mundo

Ela já é tida como um ícone da moda. Capa de Vogue 2009, Michelle Obama foi eleita a mulher mais bem vestida do mundo.

Não é à toa que diversos estilistas desejaram assinar seu traje no dia 20 de janeiro. Ela, que vestiu peças de grandes nomes como Thakoon e do estilista cubano-americano, Narciso Rodriguez, fez seu próprio estilismo misturando roupas finas com marcas mais populares como J. Crew e a própria Gap, uma das maiores no setor de vestuário. Michelle varia seu estilo entre o moderno e o clássico.

Quando aparece em entrevistas na TV, o modelo de seu traje é copiado pelas grandes lojas e rapidamente se esgota.

Medindo 1,82 m de altura, Michelle tem um corpo esbelto e proporcional, além de personalidade forte e marcante. Devido a essa fascinação toda em vestir a primeira-dama, diversos veículos lançaram concursos para eleger o traje. Um deles foi o *The Washington Post* que recebeu quase 200 desenhos de estilistas.

Na noite da vitória de Obama, em 4 de novembro de 2008, Michelle sofreu algumas críticas por seu vestido

vermelho e negro, autoria de Narciso Rodriguez, um dos motivos certamente fora a descendência cubana dele.

O desejo dos eleitores mais tradicionais era de que ela vestisse algo assinado por um estilista americano, e alguns acreditavam que devido à crise econômica mundial ela deveria vestir algo discreto. Mas ela não tem medo de errar.

Por isso, no dia da posse em 20 de janeiro, apareceu com um vestido ouro claro e um casaco da mesma cor da estilista de origem cubana Isabel Toledo, uma das marcas mais usadas por Michelle durante toda campanha presidencial. Já no baile da noite, vestiu um vestido claro de um ombro só, do estrangeiro taiwanês Jason Wu. ■



Michelle Obama

Conheça um pouco mais de sua vida:

1964: Michelle Robinson nasce em 17 de janeiro, no bairro pobre de South Side, Chicago

1985: se forma no colégio e é admitida no curso de direito de Harvard

1988: já formada, volta a Chicago e conhece Barack Obama

1992: Michelle se casa com Obama

1996: começa a trabalhar na Universidade de Chicago

e torna-se vice-presidente do centro-médico da Universidade

1998: nasce a filha Malia

2001: nasce sua segunda filha Sasha

2007: Michelle está totalmente engajada na campanha presidencial de seu marido

2008: eleita a segunda mulher melhor vestida do mundo pela revista *Vanity Fair*

2009: é a atual primeira-dama dos Estados Unidos





Foto: AFP Photo

ão eram sapatos gastos, eram história

Por: Elio Gaspari, jornalista

Os negros americanos foram à luta, liquidaram a fatura, tornaram-se parte da elite e vieram para ficar

Naquela esplanada onde já houve um mercado de escravos, o movimento de quem chegava para a festa da posse de Barack Obama começou quando ainda era noite e a temperatura estava a -7°C, suficiente para congelar a água das garrafinhas. Nada havia para fazer senão esperar várias horas. Mas aquela gente esperou séculos. Desta vez, no chão, a festa era deles, extensiva a quem fosse capaz de gritar Obama com um sorriso no rosto. Para Rodrick Moore, funcionário da Universidade da Carolina do Sul, foram oito horas de volante. Para Eivind Petersen, diplomata norueguês, enrolado num cobertor

azul, foram oito horas de voo. Fernando Souza, de Salvador, enrolado na bandeira brasileira, esperava o fim da cerimônia para voar de volta. Tanya Moore, estudante de ciências do laboratório em Ohio, tinha outra conta. Às oito da manhã, quando o sol já aparecera, ela informou: "Faltam quatro horas para George Bush ir embora". Repetiria o lance, com absoluta felicidade: "Faltam 45 minutos". Não havia lugar melhor para a contagem regressiva de Bush.

Empossado na Presidência, Barack Obama fechou gloriosamente um ciclo da história americana que começou bem antes do nascimento do

companheiro, quando uma vendedora chamada Rosa Parks entrou num ônibus, sentou no assento destinado aos brancos e não quis se levantar. Não há apenas um negro na Casa Branca, até porque o pastor Thomas Robb, diretor da Ku Klux Klan, já informou que ele "é só metade preto".

Os negros americanos liquidaram a fatura. O presidente é negro. O procurador-geral também, bem como a embaixadora nas Nações Unidas. O trisavô de Michelle Obama foi escravo numa plantação de arroz. Os netos da geração que marchou (ou não) nos anos 60 tornaram-se parte da elite americana. Susan Rice, a embaixadora na ONU, é sobrinha neta de Vernon Jordan, que em 1961 era um jovem advogado e escoltou a primeira estudante negra admitida por ordem judicial na Universidade da Georgia.

Foto: AFP Photo



A meia hora de caminhada da escadaria onde Obama tomou posse está guardado um par de mocassins com os saltos tipo anabela quase completamente comidos. Durante dez anos, aqueles sapatos ficaram em algum canto da casa de uma professorinha negra de 25 anos, mulher de um militante que tomara 125 cadeias por conta das encrencas de Martin Luther King. Eram a um só tempo coisa velha e memorável. Um dia veio-lhe a ideia de oferecer os mocassins ao Museu de História Americana. E lá estão eles, com a informação: estes foram os sapatos que Juanita Williams usou na Marcha de Selma.

“ Durante dez anos, aqueles sapatos ficaram em algum canto da casa de uma professorinha negra de 25 anos ”

Em março de 1965, Barack Obama ainda não completara 4 anos, viviam em Selma (Alabama) 15.000 negros, mas só 156 deles podiam votar. Uma primeira marcha andou seis quarteirões e acabou a cacetadas. Não adiantou. Duas semanas depois os ne-

gros marcharam por 80 quilômetros, durante cinco dias e quatro noites. Eram 300 na partida e foram 25.000 na chegada, na capital do Estado.

Os sapatos de Juanita eram um pedaço da história dos Estados Unidos e ela percebeu. Depois de Selma o presidente Lyndon Johnson pôs fim às chicanas eleitorais contra os negros e desafiou uma audiência usando o título de uma canção de protesto: “We Shall Overcome” (“Nós Triunfaremos”).

Estranho. Nas festas da posse de Obama evitava-se essa canção. Não precisava, pareceria provocação. Afinal: triunfamos. ■

Folha de S. Paulo

Um menino do

Os Estados Unidos não vão mudar. Continuarão com seus problemas, suas contradições, sua crise, suas duas guerras (Iraque e Afeganistão), os contenciosos do Oriente Médio, Coréia do Norte, Irã e, para não ficarmos fora do jogo, os jocosos desafios de Venezuela, Bolívia e Equador. A grande máquina econômica, política e cultural funcionando. Uma recessão chegando e uma imagem internacional discutida pela ação de George W. Bush, uma versão atual de Theodore Roosevelt, do “big stick”. Não é que tudo se tenha “cambiado para se quedar lo mismo”. A vitória de Obama não muda, mas muda tudo. A mensagem que a América mandou ao mundo apaga todos os seus equívocos para situar-se no seu forte, que são as grandes ideias que semeou e mudaram a humanidade: a Declaração de Independência, com a palavra de Jefferson de que “todos os homens são iguais” e têm direito “à vida, liberdade e busca da felicidade”.

A força da liberdade, seu poder

criador, o sonho de tantos imigrantes de todas as raças e credos, tudo para a construção de uma sociedade democrática. Nada melhor para resumir o que aconteceu do que as palavras do próprio Obama em seu discurso de vitória: “Se alguém ainda duvida de que a América é um lugar onde tudo é possível, pergunta se o sonho dos pioneiros está vivo em nossos tempos e questiona o poder de nossa democracia, esta noite é sua resposta.” A vitória foi, assim, dos Estados Unidos. É o país que justifica ao mundo o porquê de sua liderança e a sua capacidade de renovar-se, mesmo em meio a uma tempestade econômica que ninguém sabe quando começou e quando irá terminar.

Quanto ao presidente eleito, sua rica biografia mostra que as forças propulsoras do seu êxito são sua inteligência e seu talento político, formado num cerco de segregação que o levou a escrever que “o termo branco era extremamente incômodo em minha boca”. Viveu, então, a capacidade de transitar “entre meus dois mundos”, sabendo

aváí

Por: José Sarney*

que “com um pouco de colaboração de minha parte os dois se conciliariam”. Ele traz esperança e a carga adicional de ser um símbolo para a humanidade de reconciliação das raças e projeta o ideal de um mundo sem cor de pele e nivelado pelo sonho de Luther King: o caráter.

Desta mensagem ele teve a responsabilidade histórica de ser o protagonista. Não pode falhar no exercício do poder que lhe foi entregue para pacificar, unir e construir um mundo diferente daquele que encontrou quando nasceu numa noite do Havaí nos braços de um queniano, preto como a noite, egresso de uma das tribos mais primitivas do seu país, um menino a chorar, mas um líder que mudou a história americana. ■

*presidente do Senado, ex-presidente da República, senador do Amapá, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa



Hoje eu tive um sonho...

Por: Benedita da Silva*

Barack Hussein Obama eleito. De origem havaiana, neto de quenianos, cidadão do mundo. Quantas raízes: Cuba, Oriente Médio, América Latina e Europa. Muitos cidadãos e muitos governos para serem retomadas relações com os Estados Unidos, agredidas nos últimos anos por uma política internacional de pouco diálogo, fechamento de fronteiras, protecionismo e desrespeito à autonomia das nações e de intervenção em países do terceiro mundo.

Barack Obama encontra uma responsabilidade enorme pela frente, despertou expectativas, superou preconceitos e obstáculos e indicou sempre com determinação para as possibilidades de mudanças internas e externas.

Mudanças internas representam a esperança do povo americano de superação da crise econômica, de proteção aos idosos, de maior cobertura na área de saúde, de paz com os demais povos

do mundo. Mudanças externas interessam não só aos americanos, mas a todos os povos do mundo, cansados da era Bush, do uso desmesurado da força, do controle de mercados, da falta de diálogo, enfim da falta de PAZ.

A América Latina, com novas lideranças populares desejam negociações altivas e não subalternas, com respeito aos seus povos, a sua autodeterminação e a trocas internacionais justas. Para tanto, na nossa região foram banidos os governos totalitários e emergiram fortes lideranças, que já começam a negociar em bloco.

Nossa esperança não reside apenas na palavra de um homem, mas na força das ideias coletivas que impulsionam as transformações. Com certeza, nada será como antes. O simbolismo do primeiro presidente negro dos Estados Unidos é,

por si só, muito forte e representativo. Em nosso país também já iniciamos grandes mudanças desde a primeira eleição do presidente Lula que teve como Obama de superar obstáculos e preconceitos até obter a confiança de expressivos segmentos do empresariado. As mudanças não têm a velocidade que seriam necessárias, muito menos, a que desejávamos, mas elas ocorrem pela força da necessidade, pela compreensão cada vez maior da população e sobretudo pelas mudanças que estão ocorrendo na vida das pessoas.

Que sejam bem-vindas e iluminadas a força das ideias e das transformações que nossas sociedades tanto precisam. Que Deus ilumine a todos e que o sonho de Martim Luther King esteja cada vez mais próximo de se tornar realidade. ■

*Secretária de assistência social e direitos humanos do Estado do Rio de Janeiro



É com muita alegria e esperança de paz no mundo, que registro a ascensão de Barack Obama à presidência dos Estados Unidos da América.

Obama é um homem com história simples e pobre que conquistou o seu espaço pela sua competência e pela sua solidariedade; é um homem que sempre lutou em defesa da dignidade humana, que enfrentou todos os tipos de desafios, sobretudo o preconceito, por se tratar de um negro. Aliás, na campanha para a presidência dos Estados Unidos, foi chamado de terrorista, de preconceituoso e, muitas vezes, foi até ridicularizado perante a mídia conservadora.

A vitória de Barack Obama significa uma esperança para a humanidade. Digo isso porque os Estados Unidos não é um país qualquer. As ações lá praticadas têm reflexos no mundo, por se tratar do imperialismo norte-americano, com tantos percalços cometidos na face da Terra.

As primeiras palavras de Barack Obama, depois de

eleito, foram de reconciliação, em busca de uma conquista perante o seu povo: a luta pela igualdade de oportunidades para todos e pelo respeito a todas as nações.

Não queremos mais ouvir falar de intervenção. Espero que desta vez o povo cubano e a humanidade possa ver o fim do embargo econômico, comercial e financeiro imposto àquele país desde 1962. Que ele acabe de uma vez por todas as sanções contra a nação cubana, que todos nós queremos muito bem e que, aos poucos, retire o poder armamentista contra a vida em vários outros países.

A nós parlamentares que torcemos por mudanças no mundo, cabe desejar ao Sr. Barack Obama muito boa sorte em sua gestão. Na qualidade de parlamentar, Vossa Excia. foi excelente senador; na qualidade de líder comunitário, sobretudo em Boston, foi grande defensor da população mais carente. Tenho certeza de que o Sr. Obama levará para a Casa Branca essa sensibilidade social e, com muita sabedoria, haverá de

respeitar, em condições de igualdade todas as nações.

O presidente Lula, ao se manifestar a respeito, disse esperar do novo presidente dos Estados Unidos as melhores relações diplomáticas, de solidariedade entre os povos e, não de exploração.

Portanto, manifesto a minha satisfação com a vitória de Barack Obama. Dialoguei com o meu grande amigo William Lucy, líder do movimento negro norte-americano, que falou da alegria do povo negro, do povo carente, do povo latino-americano, dos mexicanos aos brasileiros, e da grande expectativa em receber tratamento mais digno, como o que deve ser dispensado a todo cidadão americano e qualquer cidadão da face da Terra.

Boa Sorte, Sr. Barack Obama! Que o mundo melhore a partir de então! ■

ma
esperança
para a humanidade

*Por: Vicentinho, Deputado
Federal PT/SP*

“ As primeiras palavras de Barack Obama, depois de eleito, foram de reconciliação, em busca de uma conquista perante o seu povo: a luta pela igualdade de oportunidades para todos e pelo respeito a todas as nações ”



Foto: Gilberto Nascimento - SEFOT/SECOM / Câmara dos Deputados



onceito de IGUALDADE passado a limpo

Por: Francisco Valim*

A eleição de Barack Obama para presidente dos Estados Unidos, mais do que um fato político, carrega uma revisão histórica e é justamente isso que marca, com emoção, sua posse. A nação mais poderosa do mundo devia isso a seus filhos, que são todos os imigrantes que construíram esse admirável país que tem na liberdade, no sonho e na oportunidade, o fascínio de todos os povos.

Barack Obama é mais que uma fi-

gura política é o símbolo resgatado da luta de Martin Luther King, é o representante da igualdade humana. Essa extração confere a Obama um grande carisma e boa parte do apoio público que precisa para implementar as medidas de ajuste econômico.

Os desafios de Obama são muitos. Entre os principais, do lado político deve buscar acordo com os republicanos no Congresso para a aprovação de suas propostas e deve rever a política

externa, principalmente na questão das duas guerras em curso – Iraque e Afeganistão. Do lado econômico, a crise em dimensão inédita será seu maior desafio. Definir medidas de socorro aos grandes grupos econômicos, restabelecer a confiança nos mercados, destravar o sistema financeiro local, manter a competitividade do país e controlar o desemprego não será uma tarefa fácil.

Para o mundo, Barack Obama traduz um novo tipo de liderança na

“ Barack Obama é mais que uma figura política é o símbolo resgatado da luta de Martin Luther King, é o representante da igualdade humana. Essa extração confere a Obama um grande carisma e boa parte do apoio público que precisa para implementar as medidas de ajuste econômico ”

Casa Branca. Tem sua raiz imigrante, sabe o que é preconceito, tem uma atitude profissional batalhadora e um espírito conciliador. Cada um de nós nos sentimos um pouco Obama. Essa sensação de igualdade e de acessibilidade faz parecer que Obama é um companheiro de longa data. Além disso, ele possui um perfil moderno de líder, com características mais corporativas do que políticas, o que é muito bom. O mundo estava precisando de Barack Obama para pôr ordem na casa. ■

**Presidente da Experian América Latina e presidente da Serasa Experian*



Foto: Carol Carquejeiro

Obama, 10 arabéns

Por: Paulo Paim*

A posse do primeiro presidente negro dos Estados Unidos foi marcante. Jamais iremos esquecer a emoção de milhares de pessoas ao redor do mundo. Foi maravilhoso ver os cinco continentes em festa com negros, brancos, orientais e indígenas de mãos dadas por dias melhores. O sentimento de mudança já está cravado em nossos corações.

No Brasil vivemos algo parecido, considerando-se as devidas proporções, com a eleição do operário Lula, fruto da luta dos trabalhadores e dos movimentos sociais. Isso demonstra que cada vez mais os excluídos querem ter voz ativa no processo político, Obama e Lula são frutos dessa luta por direitos e por oportunidades. O destino reservou para esses dois presidentes a honra de sancionarem em seus primeiros dias de mandato leis voltadas para a unidade e para a valorização das minorias. No caso de Lula a Lei 10639/03 que torna obrigatória a inclusão de História e Cultura Afro-brasileira nos currículos escolares, e de cuja elaboração participei ativamente; e de Obama o Ato Lilly Ledbetter que promove igualdade de pagamento entre homens e mulheres. Como escuto os nossos jovens dizerem: “isso foi demais!”.

A força de Obama transcende

fron-
teiras e
religiões.

Desperta no mais incrédulo a esperança. Demonstra que as diferenças são a mola propulsora do sucesso. Aproxima Republicanos e Democratas nos cargos estratégicos do governo com o propósito de obter melhores resultados, e ainda destaca algo muito importante em seu discurso: a busca de valores e de princípios esquecidos por alguns de nós na dinâmica do dia-a-dia.

O nome de Barack Hussein Obama já está escrito na história da humanidade, legitimado pelos que lutaram pelos direitos civis, pelas políticas de cotas, pelo fim do Apartheid, pelo meio ambiente, enfim, pelos direitos humanos e por justiça. Afinal, Barack Obama representa a política de alianças entre todos os segmentos da sociedade. De sua campanha participaram ativamente homens, mulheres, crianças, jovens, adultos, idosos, pessoas com deficiência, trabalhadores, empresários, empreendedores, negros, brancos, latinos e orientais. Foi por isso que ele ganhou. Obama teve a ousadia de construir uma proposta plural para a sociedade norte-americana. É com esse olhar universal que visualizamos um horizonte melhor para todos. O

Brasil também pode ajudar a construir as mudanças no planeta.

Quero destacar a força, a inteligência e a presença de espírito de Michelle Obama nas eleições americanas e na vida desse novo líder mundial. Os desafios na presidência dos Estados Unidos certamente serão muitos. Com crise ou sem crise, ele será duplamente cobrado. O caminho a seguir é trabalhar, trabalhar e trabalhar, mas isso ele já sabe, e destacou muito bem em seu discurso de posse: “para onde quer que olhemos, há trabalho a fazer”. Tenho certeza que a marca de Obama não será só a cor da sua pele, mas também o resultado de suas ações.

Compartilho com Nelson Mandela a ideia de que Obama é a “nova voz da esperança”; e também com a reflexão de Boa Ventura de Sousa Santos ao dizer que “Obama e Mandela são dois homens com fortes raízes na África e são orgulhosos das suas raízes”. É bom saber que nós brasileiros também descendemos da força e da energia da mãe África. A grande mensagem deste momento é que devemos investir em nossos sonhos, lutar por nossos ideais e governar para todos, pensando sempre nas gerações futuras. Assim, com certeza, nós poderemos chegar lá. ■

*senador PT/RS



Foto: Agência Senado



Assine Já

- Afirmativa é o espaço onde o negro é protagonista
- Afirmativa é um fórum onde personalidades de todos os matizes políticos, raciais, sociais e religiosos discutem a integração, o desenvolvimento, e a valorização da diversidade
- Afirmativa é uma revista de interesse geral que debate assuntos que dizem respeito a toda sociedade
- Afirmativa é um veículo de divulgação de força, da criatividade, dos valores e das aspirações do negro brasileiro

Se você concorda com as afirmações acima, assine embaixo

Desejo fazer uma assinatura da revista Afirmativa

Nome _____
CPF: _____
Endereço: _____
CEP: _____
Telefone: _____
E-mail: _____

Se preferir ligue para 0xx11 3229 4590 ou acesse o site www.afrobras.org.br

- Assinatura por 1 ano (6 edições) R\$ 49,00
- Assinatura por 2 anos (12 edições) R\$ 86,00

A E sperança de mudança



“ A eleição de Barack Obama para a presidência dos Estados Unidos da América é um divisor de águas na história mundial. Obama traz a esperança da mudança e do reforço das relações de interdependência entre os países. Sua figura em si carrega a importância da diversidade e do valor da inclusão. Sua visão de mundo é moderna e mostra muita sensibilidade. Obama ainda sinaliza o desejo de trabalhar em conjunto para a construção de um mundo melhor. Essa intenção é muito importante e abre portas para que isso se realize. Estou confiante de que ele terá sucesso nessa empreitada, pois é um homem conectado com o seu tempo. ”

Fabio Barbosa

Presidente do Grupo Santander Brasil e da Federação Brasileira de Bancos (Febraban)



As ores de Obama

Por: Cristovam Buarque*

O presidente Obama já está na história como o primeiro presidente negro dos EUA. Mas, nem os EUA, nem o presidente Obama tiveram ainda a oportunidade de mostrar ao mundo que têm o primeiro presidente do século XXI.

Para ser o primeiro presidente do século XXI, Mr. Obama terá de fazer uma inflexão na política e no comportamento dos EUA.

A primeira inflexão será trazer a preocupação ambiental para o cen-

tro do debate e das decisões na economia, na sociedade, na ocupação da Terra pelos norte-americanos e demais cidadãos do mundo. Precisará começar por assinar o acordo de Kyoto, até hoje recusado pelos EUA. E ir além. Propor, inspirar, formular e aprovar dentro dos EUA e nos fóruns internacionais medidas que possam reverter a clara tendência suicida do projeto civilizatório. A economia tem que ser reorientada para um compromisso com o equilí-

brio ecológico. Para ser considerado o primeiro presidente norte-americano do século XXI é de esperar que Obama, além de ser um presidente negro, seja um presidente verde também.

A preocupação social com a pobreza é uma segunda inflexão necessária para fazer de Obama um presidente do século XXI. A marcha da economia sem compromisso social tem que ser reorientada para uma economia comprometida com a re-



dução da pobreza. O presidente do século XXI, além de negro e verde deverá ser também vermelho. Não no sentido de subverter a ordem econômica e romper as bases da economia, mas no sentido de criar os mecanismos para enfrentar o quadro de desigualdade em seu país e nos demais países do mundo.

O abandono da postura de arrogância imperialista que caracterizou os EUA a partir do final século XIX

e ao longo de todo o século XX também precisa ser revertida no século XXI. A partir sobretudo do final da Segunda Guerra, os EUA passaram a ver-se como os portadores do destino da humanidade e tentaram apropriar-se ao máximo dos mercados e recursos dos demais países, influir para fazer de cada um deles parte da economia norte-americana. Além de antagonismos, de injustiças, de desrespeito às soberanias de muitos

povos, os EUA terminaram criando e apoiando sistemas autoritários que, mesmo quando mais democráticos, criaram desigualdades ainda mais formidáveis do que as que haviam antes. Sobretudo, impediu nestes países, especialmente na América Latina, a procura autônoma de seus próprios rumos, conforme seus recursos e suas vontades políticas. Neste sentido, o presidente do século XXI, além de negro deve ter também a cor

branca da paz. Como exemplo, deve reverter meio século de bloqueio e sabotagem em relação a países como Cuba considerado como um exemplo e um símbolo.

O fim da arrogância deve levar a uma postura de tolerância com a diversidade cultural. Os EUA do século XX tentaram impor visões e estilos do “american way of life” a todo o mundo. E grande parte do mundo aceitou por ver neste padrão um estágio superior de desenvolvimento. Hoje, além do choque entre este padrão e as possibilidades ecológicas, há uma resistência cultural que os EUA precisam entender e tolerar. O novo presidente deve respeitar plenamente a diversidade religiosa, cultural, e sobretudo de experiências como novos modelos econômicos, desde que dentro de valores humanistas definidos por instâncias internacionais como as Nações Unidas. Por esta razão, o primeiro presidente do século XXI deve abrir diálogo com todos que desejam participar do concerto humano, desde que todos abram mão da violência, do terrorismo, muitas vezes como resultado de antagonismo às imposições norte-americanas. O presidente negro, para ser o primeiro do século XXI deve aceitar as variadas cores que há na sociedade planetária dos seres humanos.

Deve também submeter-se a valores morais internacionais. A democracia limitada a cada país, elegendo seus presidentes a cada quatro anos não vai permitir en-

“ A preocupação social com a pobreza é uma segunda inflexão necessária para fazer de Obama um presidente do século XXI ”

frentar os problemas de longo prazo e globais, planetários da humanidade. Os valores como limites ecológicos ao crescimento, limites éticos ao uso da ciência e da tecnologia, padrões de comportamento humanistas de respeito aos direitos humanos, deverão ser cada vez mais questões globais internacionais e de toda a humanidade. O primeiro presidente do século XXI terá que aceitar para seu governo e para seus cidadãos o respeito às cortes internacionais.

Finalmente, o primeiro presidente século XXI deve ser um indutor da distribuição da educação, do conhecimento científico e tecnológico e da cultura ao redor do mundo. Depois da segunda guerra mundial, os EUA tiveram um papel fundamental na distribuição do capital econômico entre os países do mundo. O século XXI vai exigir a distribuição do seu novo capital: o conhecimento. Este capital conhecimento será capaz de quebrar a desigualdade que ocorreu com o desenvolvimento econômico

do capital das finanças e das máquinas, vai liberar energias que estão sendo reprimidas em bilhões de cérebros humanos pela falta de educação. O presidente do século XXI deverá ser o defensor da visão do capital conhecimento como a base do futuro em cada nação e no mundo global e ser o promotor de uma revolução intelectual no mundo inteiro por meio da educação.

Deverá fazer a inflexão do desenvolvimento pela economia do consumo material para poucos, em direção a uma sociedade do desenvolvimento do conhecimento para todos. Um desenvolvimento que respeite a diversidade de modelos e de estilos de vida; defina limites sociais inferiores a que ninguém será condenado e limites ecológicos superiores a que ninguém terá direito; aceite, sem constrangimento ético, a desigualdade de renda, mas ofereça a todos a chance de participar do desenvolvimento conforme o talento e esforço de cada um. No meio destes limites uma desigualdade legítima e ética decorrente do talento, em um mundo onde todos tiveram os mesmos direitos de acesso, como aqueles que permitiram a um jovem negro se transformar no primeiro presidente negro dos EUA, criando a expectativa de que ele será o primeiro presidente do século XXI. ■

*senador, PDT

uma
n
ova era



obama é nossa

*Por: Bruno Konder Comparato**

No dia 20 de janeiro de 2009, Barack Hussein Obama tomou posse como presidente dos Estados Unidos. O fato chamou a atenção do mundo que parou para acompanhar o acontecimento histórico. Duas razões explicam tamanha atenção: Obama é o primeiro negro a assumir a presidência dos EUA e, como líder da maior potência mundial, enfrentará uma crise econômica gravíssima. Se a trajetória pessoal do personagem e o signifi-

ficado da sua conquista para o movimento negro emocionam, restam contudo sérias dúvidas sobre a sua capacidade de lidar com o desafio de recolocar a América e o mundo no caminho da prosperidade.

O primeiro aspecto mencionado deve ser analisado a partir de um ponto de vista simbólico. Como

muitos já ressaltaram, sessenta anos

após o movimento liderado por Martin Luther

King, o sonho parece ter se realizado, e no local onde já funcionou um mercado de escravos, uma multidão enfrentou o frio e horas de espera para presenciar a posse de um negro na presidência. Dentre os desafios que Obama enfrentará está o de reconquistar a confiança e a admiração, quando não apenas o respeito, dos povos dos países pobres. Não há dúvida que um presidente



negro, com um nome árabe e paqueniano, tem grandes chances de convencer o continente africano, o mundo árabe, a América Latina e o sudeste asiático, onde conflitos passados deixaram tantas feridas, de que representa realmente uma mudança para melhor. O vocabulário empregado aqui – confiança, admiração e convencimento – é proposital, pois o comandante da nação mais poderosa do mundo precisa, além de fazer e acontecer, servir de exemplo como líder para todos.

Neste sentido, o enfrentamento

da crise econômica vai exigir de Obama todas as suas habilidades políticas para unificar adversários – dentro do partido democrata, no partido republicano, no resto do mundo – e convencer a todos de que nosso destino é comum. Muitos duvidam das capacidades e dos conhecimentos do novo presidente em matéria de economia e finanças num momento tão delicado. Esquecem, contudo, que da mesma forma que um chefe de orquestra não precisa ser um virtuose em todos os instrumentos musicais mas saber coordenar o conjunto dos músicos

que rege, o presidente dos EUA não precisa ser perito em economia ou finanças, mas convencer o mundo de que sabe montar um time qualificado para enfrentar a tempestade e que os sacrifícios que vêm pela frente não serão em vão. Neste sentido, o *slogan* da campanha é ilustrativo e continua atual: “Sim, nós podemos” deixa claro que os esforços e a solução dependerão de todos nós. ■

**doutor em ciência política pela Universidade de São Paulo, professor da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares*



Aqui construimos o futuro
Sim, nós podemos!



ZUMBI DOS PALMARES

FACULDADE DA CIDADANIA ZUMBI DOS PALMARES

SÃO PAULO - BRASIL

www.zumbidospalmares.edu.br

—xperiência única

“ É nosso dever ajudar os
africanos a combater a fome ”

O convite partiu da Fundação de Desenvolvimento para a Comunidade (FDC), uma Organização Não Governamental que atua em Moçambique, um dos países mais pobres do mundo. A proposta era que a equipe de nutricionistas do Serviço Social da Indústria de São Paulo (SESI-SP) criasse receitas com alimentos da região e adaptasse as técnicas de preparo, higiene, manipulação e conservação dos mesmos de acordo com a realidade local. Estes pratos ajudariam parte dos moçambicanos a enfrentar o problema da fome que, aliada a doenças como a AIDS, afunda a África em um baril de desespero.

Através de cursos gratuitos, o SESI-SP realiza o programa Alimente-se Bem, incentivando a utilização das partes não convencionais dos alimentos, como folhas, talos e cascas. O conceito do programa é evitar o desperdício e promover hábitos saudáveis à mesa. De acordo com pesquisa recente, feita pela Universidade Estadual Paulista São Paulo (Unesp), de Botucatu, estas partes dos alimentos, em geral desprezadas, são mais ricas em nutrientes do que a própria polpa do alimento.

“Como essa experiência do Alimente-se Bem vem obtendo bons resultados nos últimos dez anos, serviu de alicerce para as ações desenvolvi-

das na África”, explica Camilla Martins, nutricionista do SESI-SP.

Fechado o acordo com a Fundação de Desenvolvimento para a Comunidade, Camilla Martins foi duas vezes a Moçambique em 2008. “Permaneci naquele país cerca de três meses, intercalado com um retorno de trinta dias ao Brasil. Na primeira viagem, fiz pesquisas de campo para entender as necessidades dos moçambicanos e quais os ingredientes que poderiam utilizar. Aqui, em conjunto com as demais nutricionistas do SESI-SP, preparamos 22 receitas”, recorda.

Na segunda viagem para a África, a nutricionista treinou 98 volun-

tários da FDC para que ensinassem à população, através de cursos, o preparo dos pratos. Atualmente, esses cursos já estão acontecendo e o objetivo é beneficiar cerca de 35 mil moçambicanos assistidos pela Fundação.

“O trabalho realizado na África foi uma experiência única. A chegada a um país desconhecido, com cultura totalmente diferente, fez aflorar em mim uma grande ansiedade e sensação de desafio profissional. Tudo parecia estar inserido em um filme angustiante. A miséria que encontrei levava adultos e crianças

a comer, com as mãos, o pouco que tinham. Era comum aos moçambicanos passar até três dias seguidos sem engolir um único alimento substancioso”, diz com emoção Camilla Martins.

Não havia energia elétrica, água potável ou tijolo. As casas eram feitas de barro e folhas de bananeira. Apesar da miséria total que os assolava, a nutricionista observou que os moçambicanos sempre tinham um sorriso estampado no rosto. “Isso me animou a seguir em frente com o trabalho, quando tudo parecia conspirar contra. Não é fácil, por

exemplo, criar pratos sem a ajuda de geladeira, batedeira, liquidificador ou fogão, entre outras facilidades que encontramos em nossas cozinhas. E, ainda por cima, sem muitos ingredientes à mão”.

Para as nutricionistas do Sesi-SP, a missão na África foi gratificante. “É nossa obrigação levar informações, a quem precisa sobre a importância de uma alimentação saudável, e criar soluções para quem, às vezes, nem tem o que comer. Este, certamente, foi o caso de Moçambique”, afirmou. E, com certeza, encarado com profissionalismo e amor. ■



Camilla Martins e os voluntários moçambicanos treinados

O grande diferencial entre o ensino público e o privado reside na origem dos financiamentos. Enquanto o ensino público tem o aporte financeiro da União como entidade mantenedora, com investimentos substantivos no ensino, nas pesquisas e na extensão, o ensino privado tem o seu orçamento majoritariamente vinculado às mensalidades pagas pelos alunos.

É com a receita das mensalidades que a instituição privada mantém os salários do seu corpo docente, do corpo técnico e administrativo, toda a sua infra-estrutura, a aplicação de recursos em pesquisas, em labo-

ratórios, em equipamentos, limpeza e até vigilância.

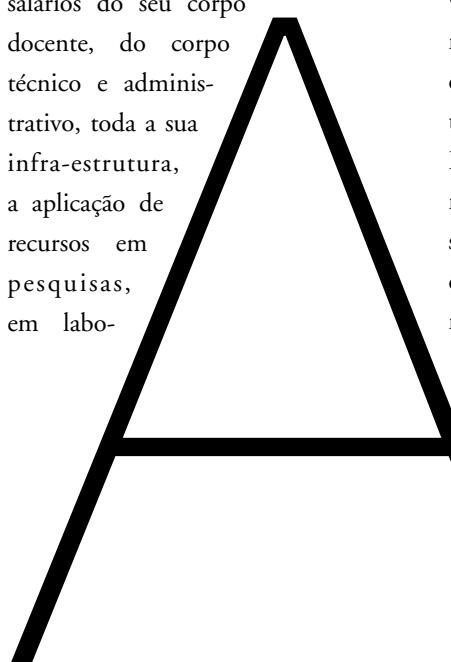
Em torno do caixa das instituições privadas ronda, ainda, o fantasma da inadimplência, principalmente, entre as classes C-D, tornando a gestão do orçamento ainda mais desafiadora.

Essas são algumas considerações da profa. Susana Regina Salum Rangel, da Assessoria e Consultoria Educacional (ACE) empresa, sediada em Brasília, que atua nos segmentos privado e público, na formulação, implementação e avaliação de projetos educacionais. Susana Rangel é professora titular aposentada da Universidade Federal do Rio Grande, e foi coordenadora geral de supervisão do ensino superior da SESu/MEC, no período de 1998 a 2004; durante a gestão do ministro Paulo Renato Souza.

Há anos atuando como profissional da área e com vivência nos dois segmentos da educação - o público e o privado – a professora reconhece os avanços. “Houve um aumento, diria, considerável do número de mestres e de doutores no corpo docente das instituições privadas, até por uma exigência do MEC, com reflexos positivos para a educação superior, como se constata pelos resultados das avaliações conduzidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)”, afirma.

Regularização do Sistema e-MEC

A Portaria Normativa nº. 40 editada em 12 de dezembro de 2007 pelo Ministério da Educação veio regularizar o funcionamento do sis-



avanços e retrocessos

Consultora na área de educação, Susana Rangel estabelece um comparativo entre o financiamento do ensino público e o privado, discorre sobre a portaria normativa 40/2007 e alerta quanto às deficiências da educação básica



Foto: patriciacemini.pbwiki.com

Alunos do ensino público

tema eletrônico de fluxo de trabalho e gerenciamento de informações e-MEC, que funcionava desde fevereiro de 2007 em caráter extra-oficial. Vale dizer, o sistema enfim passou por seu processo de legitimação.

Ainda em construção, o e-MEC não está apto a executar integralmente os procedimentos descritos na Portaria Normativa nº. 40 de 2007 – impondo às instituições de ensino superior o convívio com outros sistemas eletrônicos implantados em 2002 (SAPIEnS e SIED-Sup), para a tramitação dos processos de seu interesse.

No contexto desse olhar crítico cabe reconhecer que “A PN nº 40/07 trouxe alguma autonomia às instituições privadas como, por exemplo, a flexibilização da publicação de edi-

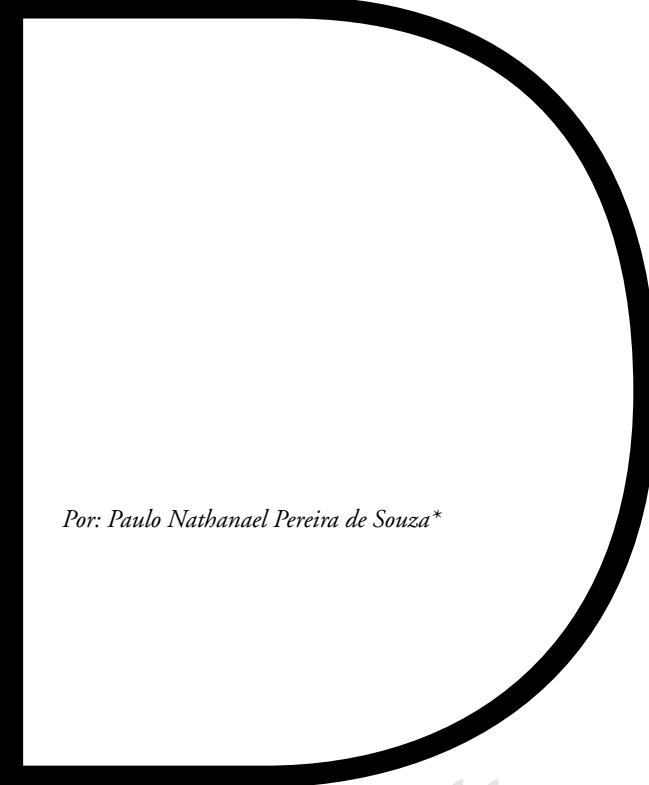
tais dos processos seletivos no Diário Oficial da União que ocasionalmente são consultados pelos professores, ou mesmo pelos alunos”, comenta a profa. Susana Rangel.

No momento, se aguarda a conclusão da implantação dos fluxos dos processos no sistema e-MEC para que se tenha maior clareza das suas funcionalidades, permitindo uma avaliação crítica da sua eficiência e eficácia.

Se nesse aspecto, a PN nº 40/07 apresenta um avanço, em outra vertente, porém, sinaliza para um retrocesso ao retirar do avaliador (*in loco*), por definição um especialista qualificado, o juízo de mérito sobre o processo de avaliação, delegando essa competência para o corpo técnico da Secretaria incumbida de analisar o pedido da instituição.

Educação básica

“Apesar das conquistas até aqui, estamos ainda distante do patamar desejado de qualidade para a educação em nosso país, como revelam os resultados das avaliações realizadas por organismos internacionais. Acredita-se que a reversão desse quadro depende da adoção de políticas públicas que qualifiquem prioritariamente a educação básica, passando necessariamente por um programa massivo de formação de professores para esse nível de ensino. Segundo estudos de especialistas internacionais, o cerne da questão se localiza na base da pirâmide educacional, isto é, temos um ensino fundamental ainda com sérias deficiências”, lamenta Susana Rangel. ■



Por: Paulo Nathanael Pereira de Souza*

desafios

A democratização das oportunidades de formação superior para incontáveis contingentes de jovens antes privados de tê-las, sem o perfeccionamento da qualidade de ensino, é o desafio maior que se apresenta às entidades de ensino de nível universitário contemporâneas. E a pergunta que fica é: como vai poder a instituição, nascida para atendimento cultural das elites, reciclar-se a ponto de popularizar sua matrícula, bem como deixar as lições do saber pelo saber, antes transmitidas pela semântica cifrada e codificada da linguagem científica, para aderir ao novo saber pragmático, quase pontual e tecnocêntrico, exigido pelo exercício profissional dos integrantes desta nossa sociedade industrial e de serviços?

“ A competição dos que se diplomam no ensino superior tende a ser crescente, sendo que sairá vitorioso o mais criativo, o mais culto e o mais apto a reciclar-se rapidamente ”

Com o fenômeno da afluência das massas às benesses da civilização, bem como a velocidade das mudanças políticas havidas no século 20, as escolas de todos os graus de ensino foram literalmente invadidas por multidões de alunos de diferentes origens sociais e capacidades intelectuais. E, em vez de terem reis e papas como mantenedores, passa-

ram as universidades a ser sustentadas por orçamento público e recursos da bolsa dos usuários. Então, se obrigaram a participar do dia-a-dia do mundo e a serem exigidas como centros de fornecimento de recursos humanos qualificados, necessários ao pluralismo laboral dos mercados de trabalho. A ciência e a tecnologia estão se sobrepondo às humanidades, e a velocidade das mudanças assusta a todos, visto não dar mais tempo para a maturação das novidades que se multiplicam de hora em hora.

A dificuldade maior para os planejadores está em aproveitar a experiência secular do passado, sem, no entanto, desconhecer as exigências do tempo presente. A competição dos que se diplomam no ensino superior tende a ser crescente, sendo que sairá vitorioso o mais criativo, o mais culto e o mais apto a reciclar-se rapidamente, ante as exigências da mutação permanente do conhecimento nesta era de incertezas.

Como já dizia Bacon a seu tempo: “conhecimento é poder”. Mas, de que conhecimento falamos: o dos sábios do passado ou o dos especialistas do presente? Será que a solução para esse enigma não poderia estar na divisão da competência formativa de uma universidade voltada para um bacharelado que explore

por si próprias ou em parceria com outras organizações não acadêmicas, atuassem no sentido de formar empreendedores, abandonando a tradição de formar profissionais para serem empregados, segundo modelos superados e insuficientes para os reclamos do mercado de trabalho em sua dinâmica atual?

las regras de sua organização e pelo ritmo próprio do seu funcionamento, geralmente mais lento que o desejável, as universidades terão que, cautelosamente ir experimentando, caso a caso, diversos tipos de inovações, notadamente no que diz respeito ao preparo de seus alunos para o trabalho. Arrisco mesmo a dizer

à universidade

As universidades terão que, cautelosamente ir experimentando, caso a caso, diversos tipos de inovações, notadamente no que diz respeito ao preparo de seus alunos para o trabalho.

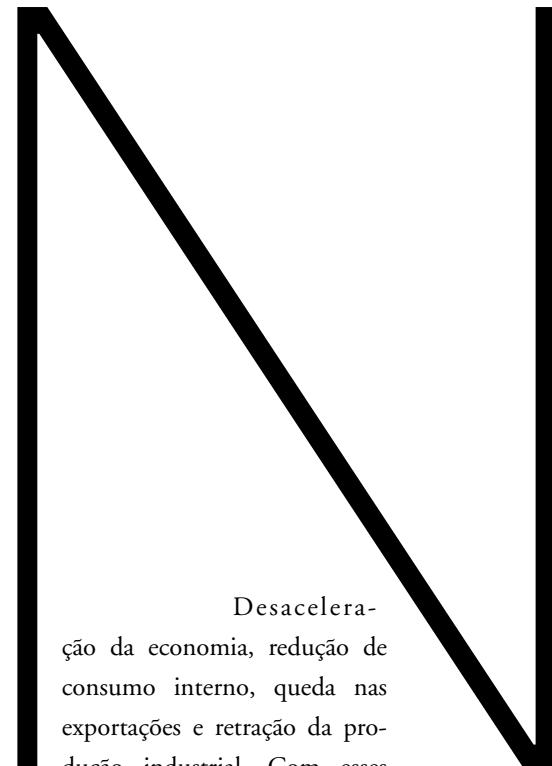
<http://www.uol.com.br/painel/987879>

em profundidade as bases do conhecimento humano, ficando o preparo e o credenciamento profissional com atores outros, como centros de prática e pesquisa ligados às mais diversas profissões, como hospitais, tribunais, empresas, centros de arte e coisa e tal? E no caso dos cursos superiores profissionalizantes, não seria melhor que as universidades,

Dante das referidas ambiguidades e da impossibilidade de praticar-se uma previsão confiável do futuro, capaz de prever modelos funcionais de universidades do porvir, toda cautela será pouca nas mudanças que se farão visando ajustar os cursos às demandas presentes, sem por a perder as melhores conquistas do passado. Creio firmemente que, pe-

que no futuro a universidade deverá cuidar do saber a partir das raízes do conhecimento diversificado que constitui a herança cultural humana, e deixar o fazer por conta dos atores mais pragmáticos que já atuam com sucesso e atualização permanente de seus serviços, no mercado. ■

**doutor em educação e presidente do Conselho de Administração do CIEE*



Desaceleração da economia, redução de consumo interno, queda nas exportações e retração da produção industrial. Com esses ingredientes, nada positivos, governo, empregadores e empregados buscam acordos na tentativa de reduzir os drásticos efeitos do desemprego – face mais perversa da crise que afeta a economia mundial.

Dados do Ministério do Trabalho revelam que o Brasil perdeu 654.946 postos de trabalho. Ao se analisar este número desagregado pelos grupos de cor, raça ou sexo, verifica-se que negros, jovens e mulheres são os mais contaminados pelo efeito dominó do desemprego.

De 1995 a 2006, entraram no mercado de trabalho 20,6 milhões de pessoas: sendo 12,6 milhões de pretos e pardos e 7,7 milhões de brancos. Desse número, 56,4% eram mulheres, e pelo menos, 6,4 milhões pretas e pardas. Os homens pretos e pardos foram responsáveis por 6,3 milhões. Já homens e mulheres brancos corresponderam, res-

pectivamente, por 2,6 e 5,1 milhões de pessoas.

A análise do rendimento médio mensal real do trabalho mostra uma persistente desigualdade de raça e a de gênero. Segundo o Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil, em 2006, o rendimento médio dos homens brancos em todo o país equivalia a R\$ 1.164,00, valor 56,3% superior à mesma remuneração obtida pelas mulheres brancas (R\$ 744,71); 98,5% superior ao dos homens pretos e pardos (R\$ 586,26) e 200% a das mulheres pretas e pardas.

Essas discrepâncias remuneratórias tenderam a diminuir paulatinamente no período de 1995 a 2006, como pontua o documento produzido pelo Laboratório de Análises Econômicas, Históricas, Sociais e Estatísticas

Por: Sandra Martins, jornalista

das Relações Raciais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Laeser). Entre homens brancos, pretos e pardos, a diferença caiu de 120,1% para 98,5%. No contingente feminino, a queda foi de 107,8%, para 98,8%. Assim, ao avaliar as assimetrias de rendimentos entre brancos, pretos e pardos, de ambos os sexos, a pesquisa mostra que houve uma redução de 113,9% para 93,3%.

Para o professor Marcelo Paião, coordenador da pesquisa do Laeser/UFRJ, mesmo com a diminuição destas assimetrias, as desigualdades raciais ainda são profundas e devem ser corrigidas com políticas públicas que mesclam crescimento econômico com inclusão social da população negra.

negros são as maiores vítimas da crise

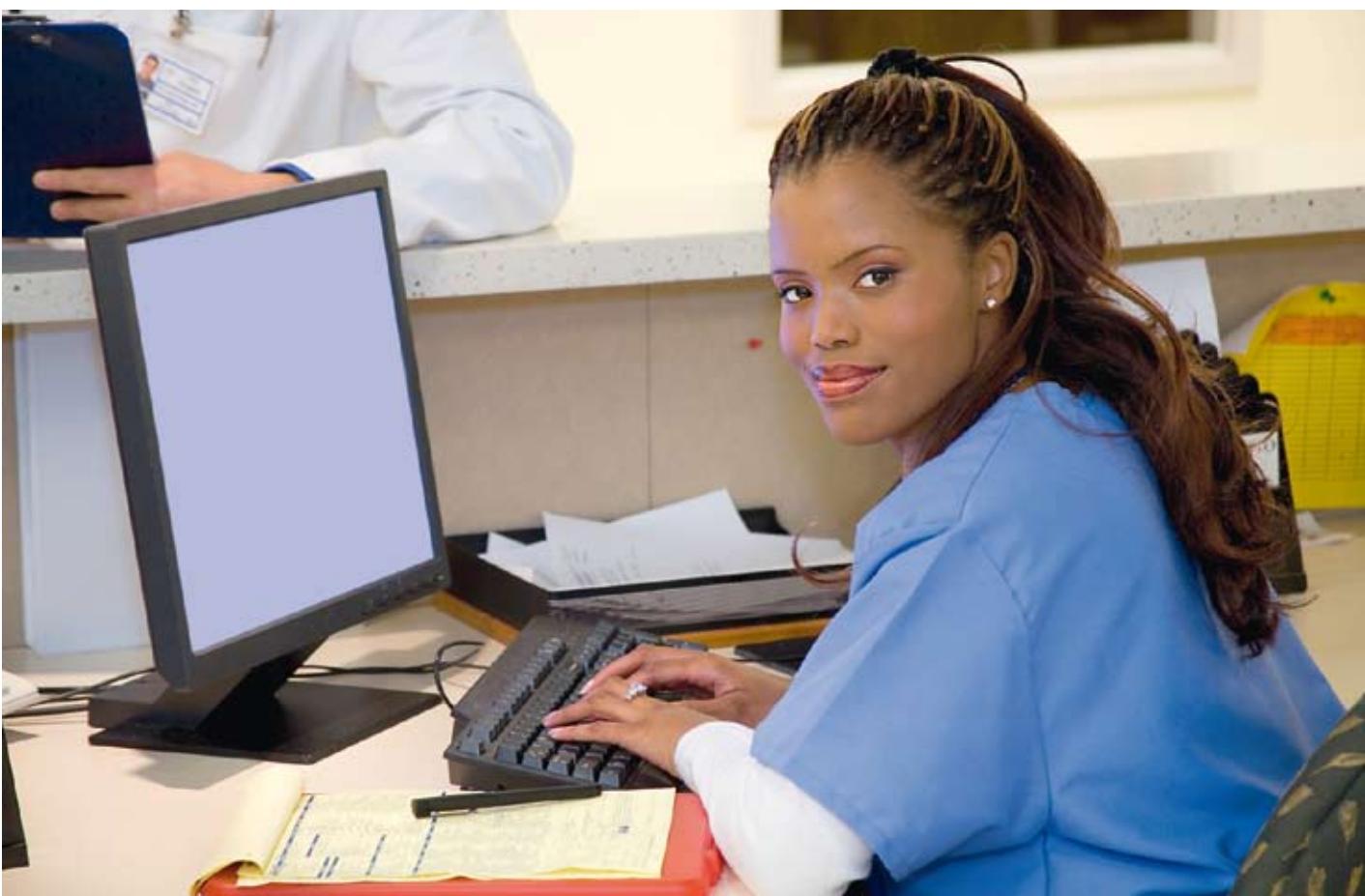


Foto: www.istock.com

“Abismo” social

O relatório foi feito a partir de informações oficiais oriundas de uma multiplicidade de fontes de dados, como o Ministério da Saúde, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), Orçamento Geral da União, entre outros. De acordo com José Luís Petruccelli, diretor de pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ele é mais amplo do que o do IBGE, que trabalha com base nos seus censos demográficos. Outro aspecto pontuado pelo pesquisador diz respeito ao local em que o estudo foi produzido: um centro de estudos acadêmico que, “di-

gamos, reveste o trabalho com uma consideração acadêmica”, observou.

As desigualdades sociais são tão densas que parece que brasileiros brancos, pretos e pardos vivem em países distintos!

“A pesquisa mostra avanços e permanências. E até agravamentos, como é o caso da violência contra o jovem negro”, diz a jornalista Miriam Leitão. Os dados indicam que entre 1999 e 2005, foram assassinadas, em todo o país, 317.587 pessoas, sendo 118.536 brancas (37,3%) e 172.626 pretas e pardas (54,4%).

Como vem sendo denunciada pelos movimentos sociais, a incidên-

cia de homicídios entre a população jovem, especialmente de da faixa etária que vai de 15 a 24 anos de idade, assumiu características de genocídio, notadamente entre homens pretos e pardos. Em 2005, a razão de mortalidade por 100 mil habitantes de homens pretos e pardos por armas de fogo foi de 45; e de 24,2 entre os homens brancos. No caso das mulheres, as pretas e pardas foram de 2,5; enquanto as brancas de 1,8.

Apesar das limitações das informações sobre o perfil da mortalidade da população brasileira, desagregada por grupos de cor ou raça, observa-se que entre 1999 e 2005, o óbito de

mulheres pretas e pardas proveniente de complicações do parto, gravidez ou puerpério não somente manteve-se maior do que a das brancas, como aumentou proporcionalmente. Em 2000, a taxa das pretas e pardas era de 43,2% superior, passou a ser de 72,4% maior do que a das brancas, em 2005. Neste ano, o percentual das mulheres brancas chegou a 1,27, caindo 13%, enquanto a das pretas e pardas alcançou 2,19, crescendo 4,8%.

A escolaridade da população preta e parda é um aspecto extremamente relevante no debate sobre a questão das desigualdades sócio-raciais. Historicamente o negro foi alijado do processo educacional. E, mesmo passados 120 anos da abolição, os índices de analfabetismo entre a população preta, parda ou negra continuam altos.

Em todo o Brasil, em 1995, o total de analfabetos com 15 anos ou mais, era de 16,1 milhões, sendo que 5,5 milhões (34,4%) brancos e 10,5 milhões (65,1%) pretos e pardos. Em 2006, este número caiu para 12,1 milhões de analfabetos, sendo 4,2 milhões de brancos e 7,8 milhões de pretos e pardos. Portanto, houve uma redução proporcional entre o número de analfabetos de 24,7%: 22,8% entre os brancos e 24,8% entre pretos e pardos. Mesmo assim, a diferença continua acentuada em 2006, o analfabetismo de pretos e pardos era, proporcionalmente, superior em 124,6% ao dos brancos.

No ensino superior, os dados mostram que entre 1995 e 2006, subiu o quantitativo, em todo o país, de uni-

versitários: de 1.993.418, em 1995, para 5.872.940, em 2006. Os brancos correspondiam a 1,50 milhões para 4,03 milhões: um saldo líquido de 2,53 milhões com crescimento de 168,3%. Desses, 41,6% são homens e 58,4% mulheres brancas. O contingente preto e pardo, no mesmo período, era de 341,24 mil; e, em 2006, de 1,76 milhões: um saldo de 1,42 milhões, com crescimento de 415,0%. Desses, 41,7%, eram do sexo masculino e 58,3% do sexo feminino.

De 2002 e 2006 houve um aumento de 31,4% de pretos ou pardos no ensino público e de 124,5% no privado. O que significa que o peso de pretos e pardos no ensino superior brasileiro também aumentou em termos relativos. Em 1995, 18,1% do total de universitários eram pretos e pardos, tendo esse índice aumentado para 29,9% em 2006. Enquanto entre as pessoas brancas houve um aumento de 17,4% no número de universitários da rede pública e de 31,1% da rede particular. O estudo sinaliza que estes dados podem ser reflexo da adoção de medidas de inclusão de pretos e pardos nas instituições de ensino su-

perior – cotas, nas públicas, do Prouni (Programa Universidade para Todos) e do Fies (Fundo de Financiamento ao Estudante de Nível Superior), nas particulares.

Entretanto, as discrepâncias persistem: do total de jovens brancos com idade esperada para ingressar no ensino superior, um em cada cinco estava na universidade; enquanto 93,7% dos pretos e pardos, da mesma faixa etária, estavam fora.

Para a jornalista Miriam Leitão, “ao final de onze anos, mostra-se que políticas públicas fazem a diferença para reduzir as desigualdades: políticas universais – a vacinação, o aumento de políticas na área de saúde, e também políticas de ações afirmativas: bolsa-família, bolsa-escola – a política social mais bem focada do Brasil: chega onde precisa chegar, aos mais pobres, principalmente, aos negros”. Para ela, a insistência na distinção de quem é negro no Brasil serve somente para empacar o debate em questiúnculas e não aprofundar as questões relacionadas à desigualdade racial: “intolerável e vergonhosa, que mina o Brasil”. ■



<http://www.exchelp.com/1102979>



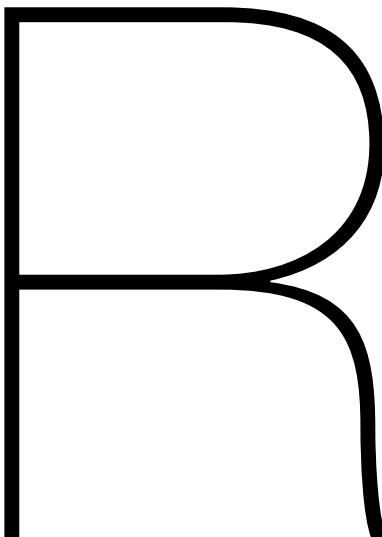
**Se o que mais importa para você é um
futuro mais divertido, Previdência do HSBC.**

Acesse agora mesmo oqueimportaparavoce.com.br
e comece a planejar uma vida melhor para você.

 oqueimportaparavoce.com.br

 Fale com seu gerente

HSBC  Seguros
Protegendo suas emoções



Receita Federal não pode excluir empresas do Simples Nacional

Por: Nelson Caiado e Rodrigo Lázaro Pinto*

O Sistema Integrado de Pagamento de Impostos e Contribuições das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte (Simples) é um regime tributário diferenciado, simplificado e favorecido, aplicável às pessoas jurídicas consideradas como microempresas (ME) e empresas de pequeno porte (EPP), nos termos definidos na Lei Complementar n. 123/06, e alterações posteriores, estabelecido em cumprimento ao que determina o disposto no art. 179 da Constituição Federal de 1988. Constitui-se em uma forma simplificada e unificada de recolhimento de tributos, por meio da aplicação de percentuais favorecidos e progressivos, incidentes sobre uma única base de cálculo, a receita bruta.

Da Definição de Microempresa e de Empresa de Pequeno Porte:

Art. 3º - Para os efeitos desta Lei Complementar, consideram-se microempresas ou empresas de pequeno porte a sociedade empresária, a sociedade simples e o empresário a que se refere o art. 966 da Lei nº

10.406, de 10 de janeiro de 2002, devidamente registrados no Registro de Empresas Mercantis ou no Registro Civil de Pessoas Jurídicas, conforme o caso, desde que:

I – no caso das microempresas, o empresário, a pessoa jurídica, ou a ela equiparada, aufera, em cada ano-calendário, receita bruta igual ou inferior a R\$ 240.000,00 (duzentos e quarenta mil reais);

II – no caso das empresas de pequeno porte, o empresário, a pessoa jurídica, ou a ela equiparada, aufera, em cada ano-calendário, receita bruta superior a R\$ 240.000,00 (duzentos e quarenta mil reais) e igual ou inferior a R\$ 2.400.000,00 (dois milhões e quatrocentos mil reais).

§ 1º Considera-se receita bruta, para fins do disposto no caput deste artigo, o produto da venda de bens e serviços nas operações de conta própria, o preço dos serviços prestados e o resultado nas operações em conta alheia, não incluídas as vendas canceladas e os descontos incondicionais concedidos.

§ 2º No caso de início de atividade no próprio ano-calendário, o limite a que se refere o caput deste artigo será proporcional ao número de meses em que a microempresa ou a empresa de pequeno porte houver exercido atividade, inclusive as frações de meses.

§ 3º O enquadramento do empresário ou da sociedade simples ou empresária como microempresa ou empresa de pequeno porte bem como o seu desenquadramento não implicarão alteração, denúncia ou qualquer restrição em relação a contratos por elas anteriormente firmados.”

Considera-se ME, para efeito do Simples Nacional, a pessoa jurídica que tenha auferido, no ano-calendário, receita bruta igual ou inferior a R\$ 240.000,00 (duzentos e quarenta mil reais).

Considera-se EPP, para efeito do Simples Nacional, a pessoa jurídica que tenha auferido, no ano-calendário, receita bruta superior a R\$ 240.000,00 (duzentos e quarenta mil reais) e igual ou inferior a

R\$2.400.000,00 (dois milhão e quatrocentos mil reais).

Para tanto, o diploma referenciado impõe que a microempresa ou empresa de pequeno porte não poderá possuir débitos fiscais para ingressar no regime indicado, consoante Lei Complementar n. 123/06:

“Das Vedações ao Ingresso no Simples Nacional

Art. 17. Não poderão recolher os impostos e contribuições na forma do Simples Nacional a microempresa ou a empresa de pequeno porte:

I – que explore atividade de prestação cumulativa e contínua de serviços de assessoria creditícia, gestão de crédito, seleção e riscos, administração de contas a pagar e a receber, gerenciamento de ativos (asset management), compras de direitos creditórios resultantes de vendas mercantis a prazo ou de prestação de serviços (factoring);

II – que tenha sócio domiciliado no exterior;

III – de cujo capital participe entidade da administração pública, direta ou indireta, federal, estadual ou municipal;

IV – que preste serviço de comunicação;

V – que possua débito com o Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, ou com as Fazendas Públicas Federal, Estadual ou Municipal, cuja exigibilidade não esteja suspensa;”

A Justiça do Rio Grande do Sul atendeu aos anseios dos contribuintes ao criar um precedente importante para as empresas com dívida fiscal que foram impedidas de aderir ao Simples Nacional.

Com débitos exigíveis, uma pequena empresa não conseguiu a migração do antigo Simples Federal para o atual Simples Nacional, razão pela qual optou por recorrer ao judiciário para fazer valer esse regime tributário mais benéfico previsto na Constituição Federal.

Isso porque, a Constituição Federal não prevê limites para o incentivo à simplificação e desoneração da tributação para as obrigações administrativas, tributárias, previdenciárias e creditícias, ou pela eliminação ou redução:

Art. 179. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios dispensarão às microempresas e às empresas de pequeno porte, assim definidas em lei, tratamento jurídico diferenciado, visando a incentivá-las pela simplificação de suas obrigações administrativas, tributárias, previdenciárias e creditícias, ou pela eliminação ou redução destas por meio de lei.

Nesse sentido, a juíza federal substituta Elisângela Simon Caureo, que proferiu a decisão no mandado de segurança, entendeu que a Constituição prevê a criação de um regime tributário diferenciado e favorecido para as microempresas e empresas de pequeno porte, e sem dúvida alguma, não pretende que ele se limite àquelas em situação de regularidade fiscal.

Assim, o dispositivo indicado (Lei Complementar 123/06), impondo,



Foto: www.divitours.com

para a adesão ao programa, é a existência de débitos tributários. Empresas com dívida fiscal teriam que aderir a um parcelamento, reconhecer o débito e se comprometer a não discuti-los posteriormente.

Conforme o leading case, essa exigência é inconstitucional, eis que a previsão constitucional prevê a criação de um regime tributário diferenciado e favorecido para as microempresas e empresas de pequeno porte, e sem dúvida alguma, não pretende que ele se limite àquelas em situação de regularidade fiscal.

Portanto, a intenção do Governo Federal de cobrar débitos indiretamente, impondo, para o gozo desse benefício, a quitação de débitos passados é flagrantemente inconstitucional, para não dizer imoral. Ou seja, limitar o ingresso da empresa no Simples Nacional à sua regularidade fiscal é uma sanção política, pois não ocorre, efetivamente, o tratamento diferenciado perquirido pela Constituição Federal. ■

*tributaristas da Fleury Advogados

Consumo excessivo e o modelo de economia de materiais

Por: Márcio Juliano*



Recentemente assisti a um filme, via internet, chamado originalmente: *The Story of Stuff*, com tradução literal para o português de *A história das coisas*.

O referido curta metragem, com aproximadamente 22 minutos, nos remete a uma reflexão sobre como o consumismo desenfreado é gerado e quais suas consequências sobre os seres humanos e o meio ambiente em que vivem.

Independentemente de ideologias e baseados na realidade dos fatos, realizaremos uma análise de uma cadeia linear que se inicia na obtenção de matérias-primas para a produção

de bens de consumo e termina no desuso e descarte desses bens.

Parece um simples exercício de reflexão sobre um modelo econômico, mas se trata de uma séria questão de preservação das espécies – inclusive a humana – e o meio ambiente em que habitam e que dele sobrevivem.

O atual modelo consumista é denominado de “a economia dos materiais” e é composto de cinco etapas na seguinte sequência: extração, produção, distribuição, consumo e descarte.

O modelo é dependente do poder de decisão das pessoas e são as

organizações que mais poder detêm. Para se ter um parâmetro, das cem maiores economias do mundo, 51 são conglomerados organizacionais que possuem poder econômico maior que muitos países.

Logo atrás no ranking do poder de decisão vem o governo que deveria ter como responsabilidade amparar e cuidar do seu povo, porém, a crise atual nos mostra que os governos estão mais preocupados com as grandes organizações do que com o seu próprio povo, haja vista a recente estratégia de estatização dos bancos

europeus, para evitar piores consequências da crise.

Com menor poder de decisão, os consumidores são estimulados explicitamente a consumir de maneira desenfreada.

A primeira etapa do modelo é a extração de recursos naturais que, comprovadamente, é limitada. É nessa etapa que são geradas as primeiras consequências negativas. A extração sem escrúpulos está acabando com as florestas, alterando a geografia, como no caso da extração de metais e minerais por crianças e adolescentes no Congo, envenenando a água e o ar do planeta, reduzindo em quantidade e diversidade as nossas flora e fauna.

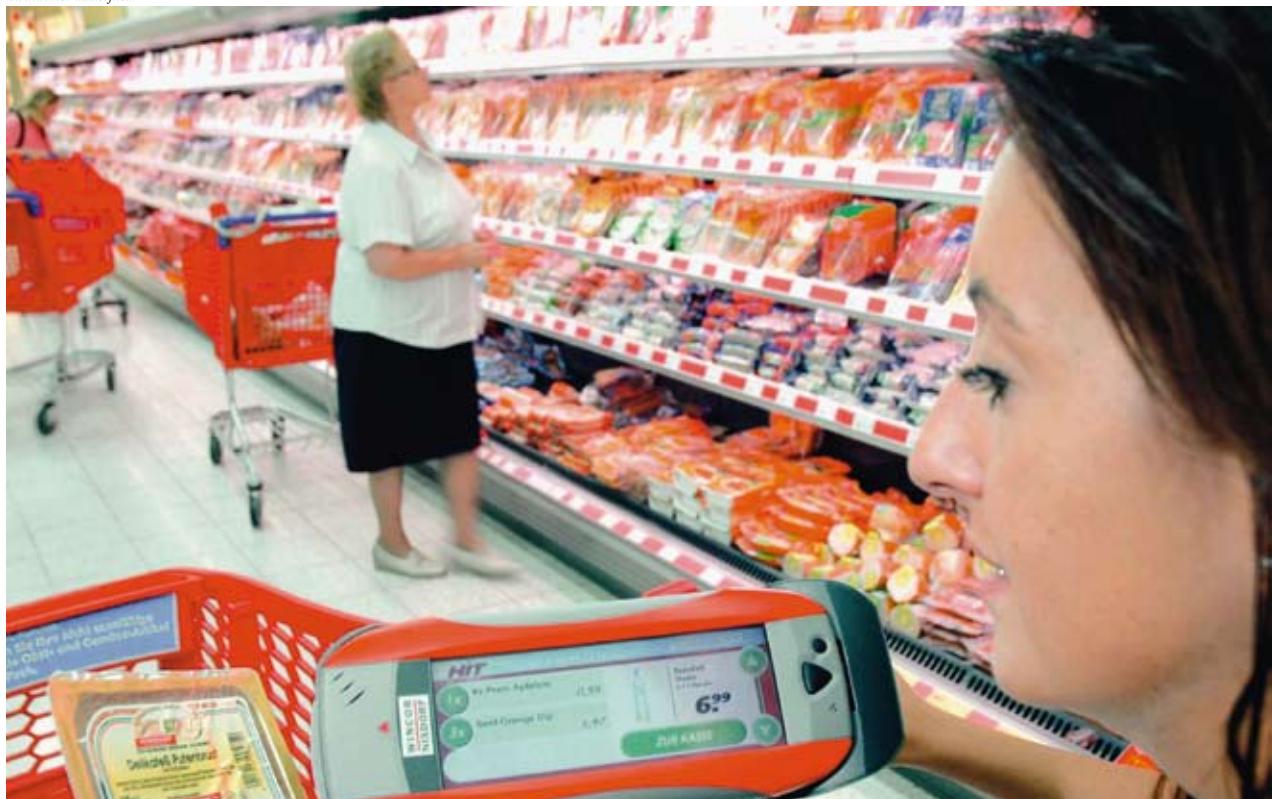
Durante os últimos 30 anos, foram consumidos 33% das reservas de recursos naturais do planeta.

O país mais consumista do mundo (EUA), por exemplo, abriga cerca de 5% da população mundial, porém, utiliza 30% dos recursos naturais do planeta e é responsável por 30% do que é desperdiçado no mundo inteiro. Se todos os países consumissem na mesma proporção que os EUA, seriam necessários mais três planetas como o nosso para dar conta de toda a demanda. Trazendo para o nosso contexto, só na Amazônia são derrubadas 2.000 árvores por minuto.

Na segunda etapa do modelo, está a produção, ou melhor, a transformação dos recursos naturais em bens de consumo. Para tanto, precisa-se de energia para mover os processos de transformação e tal energia é outro fator de alteração e risco ao meio

ambiente, pois as principais fontes de energia são o petróleo, o carvão, a energia nuclear ou a hídrica. É nessa fase (transformação) que é adicionada aos recursos naturais uma vasta gama de produtos poluentes e venenosos que passarão a integrar os produtos acabados. Atualmente, existem 100.000 produtos sintéticos que são adicionados às matérias-primas e apenas uma pequena parte deles foi estudada no que diz respeito ao seu impacto na saúde das pessoas ou na degradação ambiental. Isso significa que quase tudo o que possuímos é composto por uma parcela de produtos tóxicos cujas consequências para a nossa saúde são ignoradas. Só para citar um pequeno exemplo, alguns travesseiros contêm em sua composição um retardante de chamas a base

www.wincor-nixdorf.com



de brometo. Essa substância é uma neurotoxina altamente nociva.

Apenas essas duas etapas da cadeia contribuem significativamente para que as pessoas que obtinham seu sustento nos ambientes devastados se transformem em nômades contemporâneos, abandonando seu *habitat* natural e procurando oportunidades de trabalho e sustento nas organizações produtivas. Então além do meio ambiente, as pessoas que viviam nele também são prejudicadas, mas isso, apesar de preocupante, não é tudo pois ainda temos mais três etapas do modelo.

A terceira etapa do modelo é a distribuição e é por meio dela que os produtos chegam ao consumidor. Nessa fase a premissa é vender o melhor pelo menor preço que nem sempre retrata o esforço despendido para a produção do produto. Vamos tomar como exemplo um rádio de pilha vendido por R\$ 12,00 por um camelô qualquer. Esse rádio tem peças plásticas que advêm de um custoso processo de extração e refinamento do petróleo, provavelmente obtido no Iraque. A moldagem das peças plásticas do rádio é realizada em países como a China. Os componentes eletrônicos são oriundos de matéria-prima extraída da África do Sul e, finalmente, a montagem deste rádio é realizada no México. Ainda devem-se considerar os custos do transporte, armazenamento, salários e mais outros tantos necessários para que o rádio chegue à mão do consumidor e transmita a programação das emissoras. A pergunta é: como um rádio pode custar só R\$ 12,00? Ainda

bem que a resposta está na ponta da língua. A economia de escala permite que os custos sejam diluídos e que uma grande parte da população tenha a oportunidade de ouvir um rádio. Isso quer dizer, todo produto deve, necessariamente, ter uma grande previsão de consumo para viabilizar a escala de produção e diluir os seus custos.

Na penúltima etapa temos o motor do sistema que é a necessidade do consumo desenfreado para viabilizar a extração, a produção e a distribuição. Governo e organizações se engajam na árdua tarefa de fomentar o consumo para alimentar o sistema tão ferozmente e irresponsavelmente que chegam ao ponto de emitirem declarações tão descabidas como a do presidente George Bush após os atentados de 11 de setembro de 2001: “Eu sugiro que o povo americano vá às compras para amenizar o efeito do terrível desastre provocado pelos nossos inimigos”.

Somos bombardeados pelos diversos tipos de mídia com mais de 3.500 anúncios por dia. Uma questão relevante dessa história é que pesquisas apontam que pouco mais que 90% do que se compra é descartado em até seis meses da data da compra. Isso significa que só 10% do que se consome tem utilidade maior que seis meses. Isso se deve a duas estratégias para aumentar o consumo: a obsolescência planejada e a obsolescência perceptiva. A primeira planeja, intencionalmente, um produto que tem uma vida útil pré-determinada, geralmente curta. A segunda está relacionada com a moda ou com a tecnologia, quando um produto, ainda útil, cai em desuso, ou é

descartado porque sua cor não está mais na moda, ou pelo surgimento de um produto que tem uma nova função, que geralmente será pouco utilizada pelo seu usuário.

Finalmente, chegamos à última etapa do sistema, o descarte. O motor do consumismo gera uma grandiosa quantidade de lixo (uma família típica gera aproximadamente um quilo e meio por dia na sua residência), que é “tratado” pelos órgãos competentes de duas maneiras: enterrando-o em aterros ou incinerando-o. Em qualquer uma delas, todos aqueles componentes químicos, venenosos e altamente perigosos para o ser humano e para o ambiente que o sustenta é irresponsavelmente liberado.

O modelo descrito sucintamente até aqui é consequência de um planejamento realizado ao final da segunda guerra mundial para priorizar o consumo e impulsionar a economia cujo lema era: “A nossa enorme economia produtiva exige que adotemos o consumo como forma de vida” (Victor Leboux).

Só nós temos a oportunidade, e por que não dizer o dever, de criarmos alternativas sustentáveis que possam substituir esse modelo altamente destrutivo. Algumas vozes já ecoam defendendo um consumo consciente, que respeite e preserve o nosso planeta e toda a vida que dele depende. Oxalá essas vozes sejam ouvidas e fomentem um expressivo movimento de mudança cultural que possa originar um modelo menos agressivo ao planeta e aos seus habitantes. ■

*professor da Faculdade da Cidadania Zumbi dos Palmares

As metas de todos pela educação.

1. Todos de 4 a 17 anos na escola.

2. Todos lendo e escrevendo até os 8 anos.

3. Todos aprendendo o que é certo para cada série.

4. Todos formados no ensino médio até 19 anos.

5. Todo investimento em educação bem cuidado e ampliado.

www.todospelaeducacao.org.br

Se todos se lembarem destas 5 metas e se todos lutarem por elas, todos conseguirão melhorar a educação e todos vão ganhar com isso.



Corolla: carro "verde"



O Novo Corolla acaba de ser eleito o Carro Meio Ambiente, pela revista CAR Magazine Brasil. O prêmio Car Awards 2009 contou com um júri composto por diversos especialistas do meio automotivo, que reconheceram o modelo da Toyota como o carro brasileiro com o maior número de qualidades relacionadas à proteção ambiental. Todas as peças de revestimento do Toyota Corolla (plástico das laterais das portas e do painel, *airbags*

e isolantes acústicos, entre outras) são fabricadas em resinas recicláveis, que estão identificadas com o símbolo de Produto Reciclável. O painel frontal é inteiramente construído em um polímero denominado TSOP (Polímero Toyota Super Olefina), desenvolvido especialmente pela montadora para também ter um alto índice de eficiência em reciclagem. Na linha de montagem, foi eliminada a utilização de metais pesados, como o chumbo, cádmio e mercúrio, além

de outros materiais nocivos ao meio ambiente, como o cloreto de vinil. “Este reconhecimento é mais uma demonstração de nossa prática global de preocupação e respeito com o meio ambiente”, afirma Luiz Carlos Andrade Junior, vice-presidente sênior da Toyota Mercosul. O Corolla também foi eleito recentemente pela Agência Americana de Proteção Ambiental como o carro da sua categoria com o melhor consumo de combustível no mundo (média urbana de 13 km/l).





o Tom da beleza

Por: Isabella De Luca, da Redação



Antônio Carlos Moreira é um empresário precursor em seu ramo. Está no mercado há 15 anos oferecendo produtos bem específicos: maquiagem e, mais recentemente, cosméticos para os diferentes tons da pele negra.

Formado em comércio exterior, ele, que no passado trabalhou com importação, percebeu que todo produto de maquiagem para a pele negra vinha dos Estados Unidos. Foi, então, que se questionou: por que não desenvolver um produto para esse público do qual eu mesmo faço parte? A partir daí, começou a desenvolver a sua própria linha.

Mesmo tendo que adaptar esse conceito à realidade brasileira, ele foi atrás de seus consumidores para saber qual era a maior dificuldade encontrada por eles. "A dificuldade é que a maquiagem feita para a pele negra deixa a pele da pessoa acinzentada e avermelhada não chegando ao tom exato".

Moreira promete que sua linha não vai mudar a tonalidade da pele do cliente e sim realçá-la, em uma maquiagem denominada translúcida. A cor mais escura de base, pó e *pancake*, itens fundamentais do *make-up*, geralmente não é desenvolvida pelas marcas que estão no mercado brasileiro. Em sua linha você encontra a tonalidade ideal, inclusive porque ela atende ao



Na pele negra, a cor da sombra para os olhos que "puxa" para os tons terra e dourado realça a beleza da pessoa

mercado brasileiro e também ao africano.

Segundo sua esposa, Maria Conceição Marcondes Moreira, seu braço direito, os tons podem realçar ou não os traços de uma pessoa, "na pele negra, a cor da sombra para os olhos, que "puxa" para os tons terra e dourado, realça a beleza da pessoa. No caso dos batons, a cor marrom e vinho são as cores que embelezam", confirma ela.

Antes denominada Cravo e Canela, devido a uma briga judiciária, Moreira perdeu o nome da marca para outra empresa. Assim sendo, hoje, a marca é conhecida por Tons de Canela destinada a um público amplo, de todas as idades, desde o adolescente até o idoso. A faixa etária que mais consome o produto está acima dos 30 anos e pertence às classes B e C. O

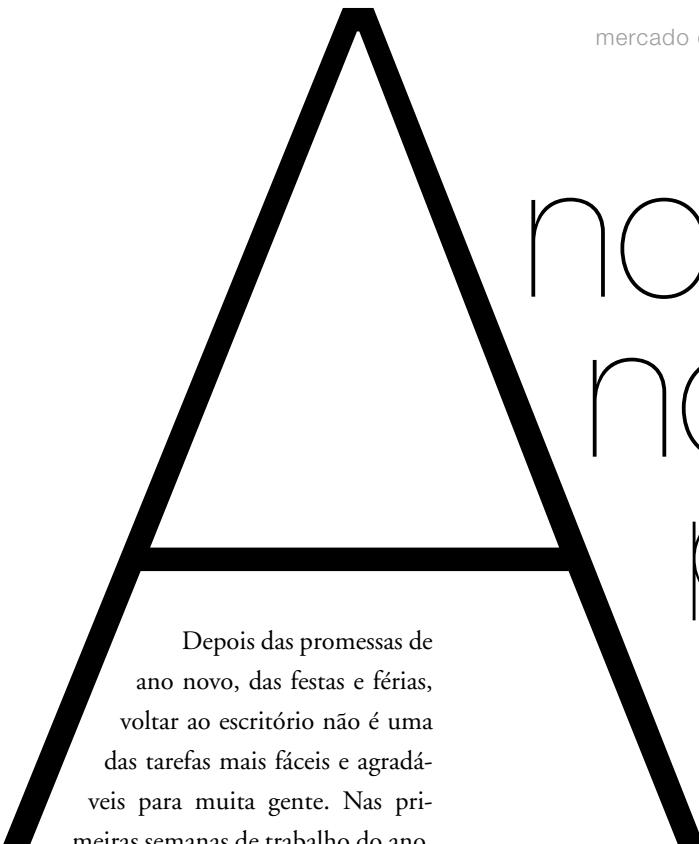
preço é considerado acessível, um batom custa em média R\$ 10,00 e o pó R\$ 12,00.

Os produtos são encontrados apenas nos salões de cabeleireiros listados no site www.tonsdecanela.com.br, inclusive porque possui uma linha especial, Tons de Canela Hair Profissional, para cabelo étnico. Entretanto, a extensão da marca será com a linha corporal vendida através de catálogo comercial, no mesmo modo como acontece com a Avon e a Natura. "Também seremos os pioneiros nesse tipo de catálogo que contará com novos produtos", diz Moreira.

Além da linha para o corpo que contém desde desodorantes até hidratantes, o catálogo contará com produtos especiais para o rosto como máscaras de azuleno, componente forte e que ameniza as manchas de pele. "Agora a maquiagem, nosso carro-chefe, também vai crescer. Com 5 cores de sombras, batons, corretivos, *gloss* e *pancake* em outros tons, incluindo produtos como o rímel, item que ainda não tínhamos", finaliza.

A exportação

Este ano, a empresa estima vender 500.000 unidades de maquiagem e produtos de cabelo devido as exportações para Angola, na África. Em 2008, a marca vendeu 200.000 unidades só de maquiagem, sendo 5.000 unidades exportadas para aquele país. ■



no novo, prioridades mil

Por: Christian Barbosa*

Depois das promessas de ano novo, das festas e férias, voltar ao escritório não é uma das tarefas mais fáceis e agradáveis para muita gente. Nas primeiras semanas de trabalho do ano, muitas tarefas estão acumuladas, algumas urgências já estão gritando e a sensação de estresse e correria começa a aparecer.

Se você é uma dessas pessoas que se identifica com o cenário acima e está tentando organizar o seu trabalho e cumprir a sua agenda, não se desespere, é possível organizar seu tempo e colocar sua agenda em dia. Você precisará reservar um tempinho para se planejar, utilizando uma agenda ou um software de sua preferência para escrever tudo o que deve ser feito.

Se você não consegue mensurar tudo o que deve ser feito, fica impossível gerenciar seu tempo, então, não negligencie a anotação das suas prioridades. Nunca deixe na cabeça o que deve ser feito. Para ajudá-lo em seu planejamento e aliviá-lo das mil prioridades e pendências a resolver, sugiro nos parágrafos seguintes algumas formas de organização.

► **Foque nas Urgências**

A maioria dos cursos de administração de tempo dá o equivocado conselho de focar primeiro no importante e depois na urgência. Na prática, se você fizer isso vai matar sua agenda, pois urgências não resolvidas crescem e tomam conta do seu tempo. Foque em resolver tudo que for problema de uma vez, para depois ter tempo de trabalhar no importante. Mas cuidado, isso não pode ser um estado permanente, ou indicará a existência de algo muito errado com seu planejamento e aí essa dica será invalidada.

► **Planejamento x Priorização**

Esses dois termos ainda causam uma certa confusão e algumas dúvidas sobre sua aplicação. Dia não se planeja, se prioriza! O que se planeja é o futuro, a antecedência para prevenir que

as coisas se tornem urgentes. Planejar o dia é uma ilusão, pois é impossível evitar que as circunstâncias e urgências ocorram tentando planejá-las em cima da hora. O planejamento deve ser feito para no mínimo três dias para frente. O dia é resultado desse planejamento prévio e deve ser priorizado, com uma ordem numérica de execução de tudo o que deverá ser feito.

► **Cuide do seu e-mail**

Se você voltou das férias, seu e-mail deve estar lotado. Então, é necessário reservar de uma a três horas para lidar com ele. Neste período, tenha em mente o objetivo de esvaziá-lo da sua caixa de entrada. Para isso só existem 3 alternativas possíveis para cada e-mail: mover informações importantes para pastas específicas; agir criando tarefas, ou reuniões, com da-

tas específicas do que precisa ser feito e delete o e-mail; lixo se não servir para nada, apague o e-mail sem dó!

► Deixe de lado o ritmo de férias

Se você ainda está no ritmo de festas, praia e comemoração, talvez possa ser prejudicado pela preguiça e pela procrastinação, isto é, acaba deixando tudo para depois. Realmente leva um tempo para voltar ao ritmo habitual, por isso comece priorizando as coisas mais fáceis, simples e de rápida execução. Isso vai ajudar você a começar a entrar no ritmo.

► Não perca tempo, mas não pegue pesado

Na volta das férias, atividades circunstanciais (aqueles que não trazem resultados, só fazem você perder tempo) como navegar na internet à toa, fofocinhas com os colegas de trabalho, brincadeiras, etc... causam desvio de atenção ao profissional. Uma vez perdido seu foco, leva-se muito tempo para voltar à plena concentração e dar continuidade à tarefa com êxito. Quanto mais focado estiver, melhor será o resultado do seu trabalho e mais produtivo será o seu dia. Agora no começo, não pegue pesado com você,

não lote seu dia de atividades, distribua atividades de lazer ao longo da semana, procure retomar aos poucos seu ritmo.

Coloque entre as suas metas de ano novo ser mais produtivo e aproveite o seu tempo com sabedoria. Administrar bem seu tempo é ter maior disposição, mais qualidade de vida e mais realizações para você! ■

***Christian Barbosa** - Autor dos livros *A Tríade do Tempo - A Evolução da Produtividade Pessoal*, pela Editora Campus, e *Você, Dona do Seu Tempo*, pela Editora Gente. Sócio da Triad www.triadedotempo.com.br e www.maistempo.com.br



Victor Bispo, aluno da Zumbi, em seu local de trabalho

21

de março

No dia 21 de março é comemorado o Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Discriminação racial significa qualquer exclusão, ou distinção, baseada em raça, cor, ascendência, origem étnica ou racial que impede todos os exercícios de igualdade e liberdade nos campos social, político, econômico ou em qualquer área da vida pública.

O dia é comemorado em memória ao Massacre de Sharpeville, que aconteceu no dia 21 de março de 1960 em Joanesburgo, capital da África do Sul, onde 20 mil manifestantes negros protestavam pacificamente contra a “Lei do Passe”, que limitava os locais onde os negros poderiam circular nas cidades.

Mesmo sendo um protesto pacífico, o exército do país atirou sobre a multidão, matando 69 pessoas e deixando 186 feridos.

Esse dia ainda é marco de outros acontecimentos históricos: a independência da Etiópia em 1975 e da Namíbia em 1990, os dois países africanos.

No Brasil, onde os negros são mais da metade da população, o dia é marcado pela constante luta das organizações voltadas ao combate da discriminação racial. ■

Dia Internacional de Luta pela
Eliminação da Discriminação Racial



Foto: www.media.washingtontimes.com

A mulher

do ano



Foto: AFP Photo

O Dia Internacional da Mulher festejado no mundo todo no dia 8 de março surgiu para comemorar os grandes avanços obtidos pelo sexo feminino, nos âmbitos econômico, político e social.

O marco é fruto de uma luta intensa. No dia 8 de março de 1857, operárias de uma fábrica de tecido de Nova York, Estados Unidos fizeram uma greve para reivindicar melhores condições no trabalho, igualdade en-

tre salários de homens e mulheres, redução da carga horária para dez horas (a anterior era de dezesseis horas) e tratamento digno dentro do local de trabalho. Neste mesmo dia, essas mulheres foram trancadas na fábrica e um incêndio ocorreu. Resultado: 130 morreram queimadas.

Já em 1903, o Women's Trade Union League foi criado por profissionais liberais norte-americanas e tinha como objetivo ajudar as tra-

lhadoras a conseguir melhores condições de trabalho. Em 1908, mais de 14 mil mulheres reivindicaram os mesmos direitos que as operárias de 1857, além do direito ao voto.

Em 1910, em uma conferência internacional na Dinamarca foi decidido que o dia seria marcado em homenagem às mulheres que morreram em 1857, mas só em 1975 a data passou a ser comemorada no mundo, patrocinada pela Organização das Nações Unidas. ■

A morte de Deus na Faixa de Gaza

Por: Eduardo Oyakawa

Atribuindo à razão o desafio supremo de explicar o mistério de um mundo que ele presume ser o coração de sua gloriosa autonomia e suficiência, o ser humano auto proclama-se **homo sapiens**. Entretanto, lá no âmago de sua alma, o homem sente-se estranhamente incompleto e ainda que procure preencher o vazio existencial com fáceis e desmedidos aplausos ao seu ego e a sua força e poder, ele sempre incide no mesmo erro: embriagar-se de uma tola vaidade que o leva a aprofundar-se reiteradamente nos abismos do desterro.

Comentou o célebre 'Baal Shem Tov': assim como uma pequena moeda mantida sobre a face pode impedir-nos de ver uma montanha, assim podem as vaidades da vida impedir-nos de ver a luz infinita..." Eis a terrível solidão da criatura no exílio: estar cego para a sua precária e risível condição de dependência da luz criadora! Mas, se esta solidão é o resultado das penas intrínsecas de quem habita um mundo dessacralizado, vivido como saudade infinita, o que dizer da solidão divina?

A solidão de Deus é um recolhimento, uma separação, um afastamento do mundo humano. Parece que ele escondeu-se na última nuvem, dando as costas ao projeto humano de suficiência e autonomia. É como se ele dissesse: "Pois bem, já que não precisam de mim, então que vivam sem a minha presença". Os santos místicos do judaísmo e do cristianismo pensam que não, ao contrário, para estes homens piedosos e devotos, Deus precisa do homem tanto quanto a

Quando nos jardins do Éden o homem exultava em harmonia com todos os outros seres que o enlaçavam e o completavam em inefável entendimento, Deus parecia um desses pais alegres ao ver sua criança brincar feliz no primeiro raio de sol, pela manhã ou na dourada tarde consumando o dia. Profundo era o diálogo entre Deus e o homem porque ambos se reconheciam em cada palavra, em cada escuta, nos gestos, nas pausas necessárias e reconfortantes do silêncio, em cada manifestação de encontro naquele jardim fundado em Cáritas, sob o signo do amor. Havia a cumplicidade entre criador e criatura.

Se Deus inspirasse o seu espírito na seiva das frutas ou nas águas que verdejavam as plantações, imediatamente o homem se servia daquele

presente não apenas para restituir vida à sua própria vida, mas, principalmente, para participar como convidado de honra daquele milagre celestial, aonde fome e saciedade significavam a mesma coisa. Não cabe aqui, no espaço deste artigo, repetir o enredo no qual se decretou o sombrio exílio do homem, pois todos conhecem o enredo suficientemente. Perdido em seu infinito orgulho, o ser humano caminha agora pelo mundo aprisionado por uma natureza não mais divina, mas indiferente, impiedosa e cruel. Tornado um ser natural como todos os outros entes à vista, ele constrói sua própria história de zênites e ruínas, celebrando princípios e reinos, elaborando sua complexa ciência, fundando suas artes, inventando as leis e a política.

bela composição musical precisa das fugas do silêncio ou a noite, das estrelas que a iluminem...

Neste sentido, é possível dizer que o ser humano é a glória de Deus, que ele precisa do homem para reconhecer-se em sua própria criação. Mas, onde ele se refugiou neste mundo materialista e tecnológico em que vivemos? O messias, dizem os místicos, vive quase invisível entre nós, ir-reconhecível, trajando roupas simples, morando em lugares ermos e terríveis como a faixa de GAZA...

Não poucas vezes ele habita os corações dos doentes e marginalizados, dos humilhados da terra, dos injustamente encarcerados nos manicômios e prisões. Deus é sensível à angústia inaudível dos jovens nas danceterias e nos prostíbulos. Ele se apieda até às lágrimas por uma sociedade que renega seus velhos à indigência moral e humana. Ele é o estrangeiro que nos pede ajuda e a quem viramos a face soberbamente. Mas, por que o messias repousa no rosto daqueles que são os ultrajados do mundo e da sociedade?

Como notou Agostinho, a doença é a condição do homem religioso, à medida que este percebe que a saúde e a riqueza, a exuberância e a alegria advém da graça divina e os ricos e poderosos são incapazes de reconhecer esta contingência de cáritas, do amor, pois estão em estado de sono profundo, alienados pela vaidade da carne e do espírito. Portanto, só se pode

reconhecer Deus no mundo, cuidando de seus filhos mais necessitados, provendo-lhes o milagre cotidiano de uma refeição decente, de um trabalho honesto e digno, dando-lhes hospitalais, escolas e moradias.

Em nossa época, marcada por um extremo individualismo, aonde os seres humanos se transformam em egos gigantescos, buscando sucesso e celebridade, onde a ganância é aplaudida como qualidade plenamente justificável neste mundo, olhar para os

pequeninos parece ser uma tolice, um cinismo intolerável. Curiosamente, sómente através deles, Deus pode escapar da sua celestial solidão e nos visitar para prometer uma outra vida transfigurada e renovada para além dos antidepressivos, dos suicídios e das guerras.

Em GAZA não matamos apenas covardemente crianças inocentes, matamos a esperança de Deus em nossa própria humanidade. ■

*sociólogo, professor de religião no curso de Relações Internacionais da ESPM.



Foto: www.flickr.com

Washington a capital do mundo

*Por Osmar Teixeira Gaspar**



Capitólio (upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/95/Capital_Building.JPG)

Washington DC, capital dos Estados Unidos da América, localizada no Distrito de Columbia, foi estrategicamente planejada para ser um centro de decisões políticas, não apenas do interesse dos cidadãos americanos, como também da comunidade internacional.

Construída a partir de 1792 foi inaugurada oito anos depois. Seu nome é uma homenagem ao primeiro presidente americano Mr. George Washington. DC, como carinhosamente a tratam os americanos, é uma cidade limpa, de largas avenidas e de imponentes monumentos, como o Jefferson Memorial.

Obviamente que The White House (A Casa Branca), residência da família Obama, localizada no nº 1600 da Pennsylvania Avenue, se antes pela sua arquitetura e importância já era o endereço mais visitado da cidade, agora, sem dúvida, será um dos muitos locais imperdíveis desta bela cidade que merece ser visitado.

Washington não tem praia, é banhada pelo rio Potomac e pelo lago Tidal Basin, de onde a bordo de um dos muitos barcos que ficam ancorados para passeios turísticos pela marina ao longo do dia, ou à noite, é possível jantar, ouvir boas músicas como o jazz e dançar, tendo como cenário a incrível paisagem de seus belos edifícios públicos iluminados.

Quem pensa que Washington é uma cidade impessoal e fria, em razão de ser um centro de decisões políticas, se engana. Ao contrário, é uma cidade muito acolhedora. Provavelmente por ser uma metrópole de pouco mais de 570 mil habitantes,

Lincoln Center (http://images.google.com/imgres?imgurl=http://www.jedek.com/images/photogallery/WashingtonDC2008-20.jpg)



Lincoln Center

de maioria negra, pequena pelos padrões de metrópole brasileiro, recebe diariamente milhares de turistas, empresários e homens públicos de toda parte do mundo. Por isso mesmo Washington tem uma vida cultural e noturna muito vibrante, com bons restaurantes, teatros e bares para todos os gostos e bolsos. Há uma rede de transportes públicos formada por ônibus, metrô, trens e táxis muito eficiente. Uma dica é comprar na recepção do hotel um passe de trolebus (ônibus com dois andares), em estilo inglês clássico, que em geral passa a cada 20 minutos, são seguros e baratos, e os usuários poderão embarcar e desembarcar várias vezes sem nenhum custo adicional por isso.

O que ver?

Museus. A cidade possui uma enorme variedade de museus, e o que é melhor, são gratuitos. O Smithsonian Museum, por exemplo, é um complexo de 18 museus, entre os quais sugerimos uma visita ao de História Natural, que logo na entrada de

seu saguão principal, o visitante irá se deleitar com quadros e figuras de indescritíveis beleza.

Outros museus entre os muitos que valem a pena serem visitados são Museu Geográfico Nacional, localizado no nº 1145 da Seventeenth Street. Tanto o Museu da História Americana quanto o Museu Aeroespacial, ambos dentro do complexo do Smithsonian. O Capitólio, sede do Congresso americano, bem como o Lincoln Center, o National Hall, de onde Martin Luther King Jr. proclamou sua famosa frase "I have a dream" também são imperdíveis.

Qual a melhor época para se visitar Washington?

A melhor época é durante a primavera, por ocasião do Cherry Blossom Festival, em geral de março a abril, período em que a cidade fica mais colorida por conta das cerejeiras que estão espalhadas por seus parques e avenidas, presente da cidade de Tókio ao povo de Washington. A Cherry Blossom Parade, que este ano



Smithsonian Museum

media.namniz.edu.br/images/2006-6405.jpg upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/95/Capital_Building.JPG

com boa música, local frequentado por intelectuais e por um público de meia idade que gosta de discutir política.

Agora que você já sabe um pouquinho desta linda cidade que tem muito a oferecer aos turistas e visitantes, que tal arrumar as malas e passar uns dias por lá? E, como a sorte estará a seu lado, pode até se encontrar com o

morador mais ilustre e poderoso do mundo. Bem, como sonhar não custa nada, tudo é possível. Boa Viagem! ■

*diretor da Agência Allmar Turismo, SP, Mestrando em Direitos Humanos pela Faculdade de Direito da USP.

acontece no mês de abril, o cruzamento da Constitution Avenue com 7th Street NW, é uma pedida. Se planejam viajar nos meses de dezembro a fevereiro, sugerimos portarem um bom agasalho, pois o frio por lá nesta época é intenso.

que no topo do hotel Washington, na 15th Street, no Sky, de onde se tem uma vista maravilhosa dos monumentos históricos e imponentes de DC. Um local mais sofisticado é o Hawk 'n' Dove, situado na altura do nº 329 da Pennsylvania Avenue,

O que comprar?

Washington, a exemplo da maioria das cidades americanas, é servida por Malls (shopping centers), onde se pode comprar de tudo, desde eletrônicos, modelitos clássicos como os da Sra. Obama, uma variada gama de *souvenirs* e brinquedos. Uma pedida é visitar os *outlets* das grandes marcas e grifes, com preços extremamente convidativos.

Vida noturna

A cidade tem uma grande variedade de casas noturnas e bares. A dica é tomar um drin-



Casa Branca

Agenda Cultural

Uma seleção do melhor da programação de arte e cultura

Por: Rodrigo Massi (agendacultural@afrobras.org.br)



José Medeiros



“Candomblé”, formada por imagens que retratam o ritual de filhas-de-santo na Bahia dos anos de 1950.

Onde: Instituto Moreira Salles. Rua Piauí, 844 – 1º andar. Higienópolis. **Quando:** Até 14 de abril. De terça a sexta, das 13 às 19h; sábado e domingo, das 13h às 18h. Entrada gratuita. **Telefone:** 3825-2560. **Mais informações no site:** <https://ims.uol.com.br>

Formas e Pulos: o Saci no Imaginário

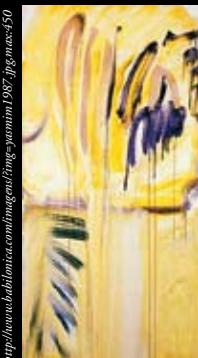


Organizada pela Associação Museu AfroBrasil e pela Sociedade dos Observadores de Saci, a exposição “Formas e Pulos: o Saci no Imaginário” apresenta a história do Saci Pererê, um dos maiores ícones do folclore brasileiro.

Onde: Museu AfroBrasileiro. Rua Pedro Álvares Cabral, s/nº. Pavilhão Manoel da Nóbrega. Parque do Ibirapuera, portão 10. **Quando:** de terça a domingo, das 10h às 18h. Entrada gratuita. **Telefone:** 5579-8542. **Mais informações no site:** www.museuafrobrasil.com.br

A exposição, formada por 65 fotografias de autoria do fotógrafo piauiense (1912-1980), revela ao visitante diferentes aspectos da sociedade brasileira no período de 1940 a 1970. Destaque para a série

Jorge Guinle: belo caos



Retrospectiva do artista plástico Jorge Guinle (1947-1987), um dos maiores artistas dos anos 1980. Com curadoria de Ronaldo Brito e Vanda Mangia Klabin, a mostra apresenta 33 telas e 20 desenhos. O visitante também poderá assistir ao vídeo de 1984 com entrevista do artista ao editor Sérgio Maurício.

Onde: Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP). Parque do Ibirapuera, portão 3 – s/nº. **Quando:** até 22 de março de 2009. De terça a domingo e feriados, das 10h às 18h. Entrada: R\$ 5,50. Entrada gratuita aos domingos. **Telefone:** 5085-1300. **Mais informações no site:** www.mam.org.br

Margaret Mee, 100 anos de vida e obra



A mostra, com curadoria de Sylvia de Botton Brautigam, apresenta seleção de aquarelas da botânica inglesa Margaret Mee. As obras, mundialmente famosas pela delicadeza do traço e pelo apuro formal da técnica de ilustração botânica, representam registros da flora brasileira.

Onde: Pinacoteca do Estado. Praça da Luz, 2. **Quando:** De terça a domingo, das 10h às 18h. Entrada gratuita aos sábados. **Telefone:** 3324-1000. **Mais informações pelo site:** www.pinacoteca.org.br

“ Na escrita chinesa, o ideograma usado para escrever a palavra crise também empresta boa parte de sua forma para a palavra oportunidade. E, nesse campo, poderíamos acrescentar esperança ”

epois do sonho vem a economia

Por: Rosenildo Gomes Ferreira ()*

Quem passa os olhos pelas manchetes dos cadernos de economia dos principais jornais e revistas do Brasil já teve ter notado que o noticiário se concentra em um único tópico: a crise financeira global e seus efeitos no dia-a-dia de empresas, bancos e de pessoas comuns como eu e você.

A globalização aproximou países, reduziu a distância entre cul-

turas e ampliou o tráfego de bens e serviços. Seu feito mais recente foi transformar o sonho de um grupo de pessoas em um sonho global. Mesmo a cerca de sete mil quilômetros de Washington D.C., o centro do poder dos Estados Unidos, brasileiros, africanos, europeus e asiáticos acompanharam, quase que instantaneamente, a caminhada do

jovem senador democrata Barack Obama rumo à Casa Branca.

A Obamania varreu os Estados Unidos, jogando o combalido e fragilizado país (do ponto de vista econômico, é bom que se diga) em uma onda de euforia e esperança jamais vista. Agora chegou a hora de agir e mostrar que o sonho resiste ao dia seguinte. O país herdado pelo

jovem presidente indica, contudo, que transformar palavras em ações, sonhos em realidade será muito mais difícil do que muitos poderiam supor.

Afinal, a economia americana pós George Walker Bush mais se assemelha a um elefante que teve três de suas quatro patas alvejadas por flechas envenenadas, que ainda tem pela frente a difícil missão de atravessar um pântano cercado por caçadores de marfim e famintos leões. E os números não deixam dúvidas quanto a isso: o déficit comercial alcança a casa das centenas de bilhões de dólares, e o sistema bancário possui uma carga de “ativos tóxicos” tão elevada, que compromete qualquer espaço para manobras.

O legado dessa crise, que começou com as hipotecas e se agudizou com a falência de gigantes financeiros como o Lehman Brothers, é o desemprego de centenas de milhares de norte-americanos, brasileiros, chineses e europeus. É a face perversa da globalização, diriam os economistas!

Na escrita chinesa, o ideograma usado para escrever a palavra crise também empresta boa parte de sua forma para a palavra oportunidade. E, nesse campo, poderíamos acrescentar esperança. Esse é um insumo que o jovem Barack Obama tem de sobra para queimar. Isso ficou claro em suas recentes vitórias no Legislativo norte-americano, onde mesmo antes da posse conseguiu aprovar pacotes de estímulo à economia como um todo e para setores fragilizados como o automotivo. Também confirmou a aprovação de um megapacote no valor de US\$ 819 bilhões logo após assumir



o posto. Até aí nada muito diferente do que conseguiram seus antecessores que assumiram o cargo embalados no cacife político dos recém-eleitos. Só que ao contrário de todos os antecessores, o presidente Obama impingiu condições para ajudar as corporações privadas. As montadoras, por exemplo, terão de seguir uma rigorosa agenda verde, alinhada com a nova filosofia da Casa Branca. Os bancos e as caixas hipotecárias terão de elaborar mecanismos que possibilitem aos inadimplentes voltar a pagar suas

prestações. Trata-se de uma agenda verdadeiramente positiva cujo principal desafio é a necessidade de produzir resultados no curto prazo.

Afinal, mesmo com todo o arca-bouço de apoio social, fica difícil convencer um trabalhador que tem pela frente a perspectiva do desemprego a manter acesa a chama da esperança por dias melhores. Isso vale para norte-americanos, brasileiros, chineses, europeus... É a globalização. ■

* jornalista da revista *Istoé Dinheiro*



d “I have a
dream,”

Martin Luther King Jr.

★15 de janeiro de 1929 †4 de abril de 1968

FEbre

+2 DESSES SINTOMAS
PODE SER DENGUE

NÃO TOME NENHUM MEDICAMENTO. PROCURE A UBS OU AMA MAIS PERTO DE SUA CASA.

- MANCHAS AVERMELHADAS
- DOR NOS OLHOS
- ENJOOS E VÔMITOS
- DOR NO CORPO
- DOR DE CABEÇA



Mais informações www.prefeitura.sp.gov.br ou ligue 156



PREFEITURA DE
SÃO PAULO



Com o nosso cartão, cada compra é uma contribuição para um futuro melhor.

Peça já seu Cartão Instituto HSBC Solidariedade* e ajude muitas instituições. porummundomaisfeliz.org.br



 INSTITUTO HSBC
SOLIDARIEDADE

HSBC Bank Brasil S.A. - Banco Múltiplo *Sujeito a aprovação de crédito.